

CIES e-WORKING PAPER N.º 77/2009

**Carreiras e eventos na idade jovem-adulta:
uma análise exploratória dos percursos para a *adulter***

MAGDA LALANDA NICO

CIES e-Working Papers (ISSN 1647-0893)

Av. das Forças Armadas, Edifício ISCTE, 1649-026 LISBOA, PORTUGAL, cies@iscte.pt

Magda Lalanda Nico é licenciada em Sociologia e mestre em Família e Sociedade. É doutoranda do Programa de Doutoramento em Sociologia do ISCTE/IUL e assistente de investigação no CIES, ISCTE-IUL. Tem realizado pesquisas nas áreas da juventude, da família e do género. *E-mail:* magda.nico@iscte.pt

Resumo

Este *paper* é fruto de uma pausa dedicada ao trabalho de campo em curso e representa uma reflexão sobre os conteúdos recolhidos e os instrumentos metodológicos a eles dirigidos, mais precisamente sobre o potencial analítico da perspectiva do curso de vida. As 28 entrevistas realizadas a jovens adultos dos 24 aos 32 anos são analisadas no que se refere à intersecção das carreiras habitacionais, amorosas e profissionais, através essencialmente da análise da sobreposição, densidade e sequência dos vários eventos transicionais para a *adulthood*. Os discursos destes jovens e a forma como justificam as suas opções de vida atribuem sentido a este olhar quantitativo para as biografias.

Palavras-chave: perspectiva do curso de vida, início das carreiras habitacionais, eventos transicionais para a *adulthood*.

Abstract

This paper is the result of a pause taken from the ongoing work field and represents a reflection on the collected material and the methodological instruments that are applied to them. More accurately, it explores the analytical potential of the life course approach.

The 28 interviews to young adult with ages from 24 to 32 are analysed in what concerns the intersection of their residential, conjugal and professional careers. For that effect, the analysis of the overlapping, density and the sequence of the events were carried out. The narratives of these young adults give shape to the decision-making processes in their lives, and provide sense to this analysis of biographies with a quantitative approach.

Key-words: life course approach, housing careers beginnings, transitional events to adulthood.

1 | Introdução

Um dos objectivos subjacentes ao projecto de doutoramento que contextualiza este *paper* consiste na identificação e na explicação das principais tendências e dissemelhanças geracionais de cursos para a *adulthood* na Europa e, muito particularmente, no caso português.¹

Para tal, analisar-se-á, a um nível micro, a frequência, o *timing* e a sobreposição dos eventos transicionais que, apesar de cada vez menos sequenciais, continuam a ser considerados na literatura de forma consensual: terminar os estudos (e recomeçá-los), sair de casa dos pais (e regressar), entrar no mercado de trabalho (com interrupções), viver em conjugalidade (e sozinho), casar (e divorciar-se), ter filhos (Billari, 2005; Molgat, 2007: 498; Galland, 1991, em Molgat, 2007: 495; ver também Zittoun, 2002: 193; Oinonen, 2004: 286; Pais, 1990). O carácter biográfico das entrevistas semiestruturadas permite ainda que outros eventos não padronizados, os designados *turning points*,² sejam igualmente incluídos nesta análise primária de “história de eventos” e que nela possam assumir uma função causal.

Analisar-se-á igualmente a evolução cronológica da elevada densidade de eventos demográficos que, por sua vez, caracteriza o período em torno da “transição” para a *adulthood* (Rindfuss, 1991, em Billari, 2001) e a relação desta com os diferentes pares de “remetentes/destinatários”³ no processo de saída de casa dos pais. Desta forma, entre estes eventos será enfatizado o potencial explicativo das *housing careers* (Ineichen, 1981) dos indivíduos, sublinhando a saída de casa dos pais como um dos mais importantes diferenciadores e actuais indicadores sociais europeus e um dos mais poderosos símbolos da

¹ Serão para este efeito recolhidas biografias de jovens de três perfis diferentes de autonomização habitacional (20*3) e dos seus pais ou mães (6*3) em Portugal. Um dos principais objectivos é a confrontação intergeracional de (dis)cursos em torno das trajectórias e concepções de *adulthood*, isto é, de biografias “tripartidas” (Kohli, 1985) com as *do-it-your-self biographies* (Beck-Gernsheim, 2002).

² Como referido em Mandelbaum (em Thomson *et al.*, 2002: 337; Pais, 2003: 104), *career breaks* (Humphrey em Thomson *et al.*, 2002, 337) ou *fateful moments* (Giddens em Thomson *et al.*, 2002, 337). A este propósito, Machado Pais refere ainda a necessidade de uma sociologia da pós-linearidade (2003: 85-106): “A vida que nos é dada por um relato, tal como a vida real, é marcada por sucessivos eventos perturbadores que a interrompem. A vida relatada é interrompida por lembranças que recuperam fragmentos esquecidos. E na vida real, o seu curso normal é também interrompido por eventos que se constituem em ‘pontos de inflexão’. Temos, pois, que trabalhar métodos pós-lineares que nos permitam dar conta das rupturas de vida – vividas ou relatadas – plenamente indiciadas pela sua fragmentatividade.” (2003: 105)

³ Entendidos aqui como tipo de família de origem (remetente) e forma da saída de casa dos pais (conjugal, individual ou tardia, como destinatário).

adulthood (Aassve *et al.*, 2002: 259).⁴ É uma conquista que em si mesma encerra o conceito de independência, que se refere aos aspectos financeiros e à transição de papéis sociais, e o de autonomia, que se referirá a qualidades relacionais ou a transições de estatuto (Molgat, 2007: 502-506).

A perspectiva do curso de vida, desenvolvida metodologicamente por Billari, Mills e Blossfeld,⁵ entre outros, representa o principal instrumento analítico nas referidas análises (ainda que aplicando os seus princípios de forma manual e adaptada à metodologia qualitativa subjacente às entrevistas realizadas e não através dos inúmeros programas estatísticos apropriados), contagiando as ferramentas teóricas e de terreno. Esta perspectiva analítica permite a adequabilidade dos instrumentos aos níveis e objectos específicos das trajetórias de vida e ao projecto em curso, como é ilustrado na tabela 1.⁶

O nível micro, aquele sobre o qual este *paper* mais se debruça, consiste numa recolha de dados biográficos com dois formatos distintos, mas aplicados num mesmo momento:

- Uma ficha cronológica de eventos inspirada na técnica estatística de análise quantitativa de *event history analysis*. Esta ficha regista, nas várias esferas (previsíveis) da transição para a vida adulta, os eventos de avanço, recuo e impasse (que serão posteriormente referidos com mais pormenor).

⁴ Como refere Matras: “a viragem significativa associada ao fim da co-residência dos pais com os filhos representa o fim, ou no mínimo um decréscimo acentuado na autoridade parental sobre o jovem. Casos de continuado apoio económico, entajuda, aconselhamento, cuidados de saúde e apoio emocional são muito frequentes [mas] a saída de casa parental introduz e legitima uma nova dimensão de voluntarismo, por um lado, e de atenuada responsabilidade, por outro, na relação e interações entre o jovem e os pais.” (1990: 233)

⁵ Como obras ilustrativas ver “The analysis of early life courses: complex descriptions of the transition to adulthood”, em *Journal of Population*, vol. 18, n.º 2, de Francesco Billari (2001); *Introducing Survival and Event History Analysis*, de Melinda Mills (a sair em 2010); e *Techniques of Event History Modeling*, de Hans-Peter Blossfeld e Gotz Rohwer (2002).

⁶ A um nível macro, a análise da componente estrutural do curso de vida será operacionalizada através da identificação de diferentes tipologias de *youth policies* (abundância, forma e alvo) e dos contextos de regimes habitacionais e *housing policies* associadas aos jovens, na Europa. Ainda a um nível macro, a análise da componente cultural do curso de vida terá em conta que as trajetórias para a *adulthood* podem ser fragmentadas e reversíveis, e que são os dados biográficos (de recolha longitudinal e/ou retrospectiva) os que mais eficazmente podem dar conta desta multiplicidade e da relação entre eventos transicionais. Terá como fonte secundária essencialmente o European Social Survey 2006, com o módulo do *timing of life* que, apesar de não conter dados longitudinais nem de painel, acarreta as mesmas preocupações e inclui algumas das mesmas variáveis (de recolha retrospectiva), permitindo uma primeira análise das transições para a vida adulta nos vários países europeus e nas várias gerações.

- Uma entrevista semiestruturada com carácter biográfico. Como já foi referido, é particularmente interessante e frutífera a relação causal ou emocional, estabelecida pelos próprios narradores, entre estes momentos registados cronologicamente. Nesta medida, o diálogo entre estes dois formatos é, em momento de entrevista e muito especialmente de análise, muito profícuo.

Tabela 1. Níveis, Âmbitos e instrumentos de análise na perspectiva do curso de vida

Âmbito	Níveis		Técnicas	
	Macro (1)	Micro (2)	Extensiva (1)	Biográfica(2)
Estrutural	Institucionalização do curso de vida	<i>Frequência, duração, sequência, interação e dependência dos eventos</i>	Levantamento de <i>youth e housing policies</i> na Europa (abundância, forma, alvo)	<i>Entrevista biográfica e ficha de eventos, (inspiração em event history analysis)</i>
Cultural	Normas e valores (individualização do curso de vida)	<i>Visões e estratégias individuais (conceito de constestable adulthood)</i>	European Social Survey 2006 – módulo <i>timing of life</i>	<i>Entrevista semi-estruturada</i>

Fonte: retirado e adaptado, através da inclusão das técnicas e fontes de Mills (2007: 63).

Ainda na perspectiva do *curso de vida*, os principais conceitos utilizados para o desenvolvimento do nível micro e das metodologias biográficas, incluídos e operacionalizados no guião de entrevista, são, de forma muito esquemática, os seguintes:

(a) Tempos históricos: “diferenças no ano de nascimento expõem os indivíduos a diferentes mundos históricos, constrangimentos e opções. Os cursos de vida individuais poderão reflectir estes diferentes tempos” (Elder, 1994: 5). Este conceito será operacionalizado essencialmente através do diálogo entre a análise das entrevistas com os pais e mães de alguns dos jovens adultos entrevistados e a análise das entrevistas com os jovens adultos, mas também pela especificidade da *coorte* seleccionada para esta análise, por sua vez muito próxima e coincidente com a que foi mediaticamente denominada “geração rasca”.

(b) *Timing* das vidas (*timing of lives*): “os sentidos sociais da idade merecem especial atenção, porque trouxeram uma perspectiva temporal e etária para os papéis sociais e para os eventos. O *timing* social refere-se à incidência, duração e sequência dos papéis e às expectativas e valores baseados na idade” (Elder, 1994: 6). Este conceito é operacionalizado

muito especialmente com a ficha de eventos, ao permitir aos entrevistados organizarem temporal mas graficamente a sua vida, explicando as proximidades e afastamentos temporais, causais e emocionais entre os vários eventos. A componente identitária e contracorrente do *timing* destes eventos é transversal a todo o guião de entrevista.

(c) Vidas vinculadas (*linked lives*): “cada geração está implicada nas decisões e eventos do curso de vida das gerações seguinte e precedente” (Elder, 1994: 5). Este conceito é operacionalizado através da análise, transversal da entrevista com os jovens adultos, da relação mantida com os pais e com as mães e com os eventos e dinâmicas familiares com eles estabelecidas.

(d) *Contestable adulthood* (Horowitz e Bromnick, 2007: 211): conceito recuperado da obra de Gallie (1962 e 1964), em que são definidas as condições em que um conceito é *essentially contested concept*. Horowitz e Bromnick defendem que o conceito de *aduldez* preenche esses requisitos, na medida em que é socialmente valorizado, tem na operacionalização uma variedade de factores, tem definição variável mas aberta a alterações, e é um instrumento de negociação de pertença (ou recusa) identitária (2007: 211). Este conceito permite situar teoricamente a forma como os indivíduos abraçam ou recusam a sua pertença ou proximidade à *aduldez*, negociando-a e redefinindo-a consoante o *timing* das suas vidas.

2 | Ponto de situação e opções metodológicas

O objectivo da realização das referidas entrevistas não é criar uma tipologia de saída de casa dos pais em Portugal e muito menos de quantificá-la. Por esse motivo, não estão aqui em causa preocupações de representatividade no sentido rigoroso do termo, isto é, face ao universo jovem adulto em Portugal, embora se queiram ver representadas as várias combinações de idade, sexo, tipo de saída de casa e escolaridade, variáveis que se consideram relevantes para a análise. O objectivo das entrevistas prende-se com a recolha de informação em torno das concepções da *adulthood* em Portugal, da forma como estas diferem dentro da mesma geração e entre as diferentes gerações e, por fim, do lugar *eventual* (de “eventos” transicionais) e *cultural* da autonomia residencial nestas divergências, evoluções e continuidades.⁷ Desta forma, tipologias anteriores sobre “transição para a vida adulta” em Portugal (mas que não dão ênfase à autonomia residencial como principal critério) não serão directamente utilizadas para a construção das cotas, ainda que sejam tidas em conta em outras fases da pesquisa, mais afastadas do terreno.⁸ Pelo que nos dizem anteriores investigações sobre esta temática (nomeadamente Goldscheider e Goldscheider, 1993; Jones, 1995; Iacovou, 2001, entre outros), e cruzando os conceitos de autonomia habitacional e de independência financeira (face aos pais), são três as situações/níveis de autonomia que devem ser tidos em consideração:

i. *Dependência habitacional*: vivem com os pais, não pagam renda, sendo ou não dependentes financeiramente dos pais a outros níveis, ou os pais dependentes deles.

ii. *Semiautonomia habitacional*: alguns autores distinguem a dependência habitacional da semiautonomia, argumentando que a segunda não consiste em *ter saído* de casa mas apenas em *viver longe* de casa (Goldscheider e Goldscheider, 1993; Jones, 1995). Os exemplos mais frequentes deste tipo de autonomia habitacional são os estudantes deslocados da sua área habitual de residência, mas também os casos de serviço militar, etc.

⁷ Sobretudo geracionais, embora as entrevistas até agora realizadas tenham sido apenas aos jovens adultos e ainda não tenha sido realizada a selecção da subamostra dos pais e mães.

⁸ O trabalho desenvolvido por Guerreiro e Abrantes (2004) nesse sentido pode ser dado como exemplo, bem como a obra *Culturas Juvenis* de José Machado Pais (2003 [1993]).

iii. *Autonomia habitacional* (que inclui os que saíram para/atraves de projecto conjugal, os que saíram por motivos profissionais e os que saíram por motivos relacionados com a conquista de independência individual e quotidiana).

Estes três conceitos referem-se, contudo, mais a diferentes *etapas* ou *fases* no sentido da autonomia habitacional ou níveis da mesma, do que a *formas* de conquista dessa autonomia. Sendo assim, esta tipologia, porque, ainda que não sendo estática, pode apenas referir-se a *momentos diferentes do curso* para a condição adulta, e não propriamente a *cursos* diferentes, contribui com pistas para a selecção de jovens adultos a entrevistar mas não se constitui como o seu principal critério. O seu principal critério refere-se, então, apenas à autonomia residencial, entendida em primeira instância como dicotomizada: conquistada e não conquistada. Não sendo possível que estas duas categorias da dicotomia representem *cursos de saída de casa* diferentes (porque, mais tarde ou mais cedo, os jovens eventualmente acabam por sair de casa dos pais e, mesmo que tal não aconteça, não caberia ao investigador prevê-lo), nesta primeira instância a distinção faz-se com base na *etapa* ou no *momento* que se referiu acima. Porém, essa não é a única distinção. No interior da categoria “autonomia conquistada” é absolutamente necessária uma segunda distinção entre aqueles que saíram de casa devido a um projecto conjugal (casamento ou união de facto) e aqueles que saíram de casa precisamente para viver sem familiares ou cônjuges (independentemente de uns e outros terem tido situações de semiautonomia residencial, nomeadamente escolar, antes de a conquistarem plenamente). Esta distinção é essencial ao bom desenvolvimento da temática central do projecto e para a verificação de uma das suas hipóteses: de que é nesta distinção que residem as grandes diferenças de transição para a vida adulta no interior e muito especialmente entre as duas gerações. Portugal, ao ser um país tradicionalmente associado a características *familiaristas* quando posto em comparação directa com outros países europeus, torna esta distinção particularmente relevante. Assim, os três grupos de jovens adultos representam um misto de *fases* na conquista e *formas* da mesma. São eles os apresentados na tabela seguinte.

Tabela 2. Os três grupos para as entrevistas e “bola de neve”

Critério	Distinção
Fase	<p>1. A casa dos pais é a sua casa (ou saíram para estudar e voltaram, isto é, nunca experimentaram a autonomia habitacional nem a estão a viver neste momento)</p> <p>2. A casa dos pais já não é a sua casa, saíram dessa casa (mesmo que anteriormente tenham saído de casa para estudar, regressando ou não depois para casa dos pais).</p>
Forma	<p>2a. Saíram de casa pela primeira vez para viver em conjugalidade (saíram de uma família e entraram noutra)</p> <p>2b. Saíram de casa pela primeira vez para viver independentemente de familiares ou cônjuge (sozinhos, com amigos ou com <i>roommates</i>)</p>

(Legenda: a azul mais claro, os três grupos para as entrevistas)⁹

As 28 entrevistas realizadas até ao momento ainda não asseguram completo equilíbrio cruzado entre os vários perfis de autonomia habitacional, de sexo, de idade e de escolaridade, apresentando uma sub-representação dos jovens que ainda se encontram em casa dos pais (ou no agregado doméstico de origem), isto é, que adiam a saída de casa dos pais apesar de, na sua maioria, terem já dado início às suas carreiras profissional e amorosa. Existe também uma sobrerrepresentação de jovens com idades próximas do limite máximo superior, o que acabou por resultar mais como uma potencialidade do que como um constrangimento. De facto, tal permite que quase todo o período de observação (até aos 32 anos) seja incluído na análise, diminuindo a necessidade de processos (manuais) de *censoring* (ver Mills, a sair em 2010). Isto é, aproveita-se a potencialidade da estratégia retrospectiva de recolha de dados, ao garantir que a informação recolhida até ao momento da entrevista cobre a maior parte do período considerado para a análise (até aos 32 anos de idade).

Até ao momento as entrevistas realizadas (e por realizar) compõem-se da forma que mostra a tabela 3.

⁹ No interior de cada um destes grupos, as cotas foram construídas com base nas variáveis sexo, idade e escolaridade do próprio (dicotomizada em ter concluído ensino superior e não ter frequentado ensino superior), que por sua vez se crê que assegurará a variedade de actividades e situações profissionais dos próprios. Para o perfil da segunda fase, só foram considerados aqueles jovens adultos cuja principal fonte de rendimento seja o desenvolvimento de uma actividade profissional, mas são considerados tanto os jovens que vivem sozinhos como aqueles que partilham a casa (com amigos ou, no momento da entrada na casa, desconhecidos).

Foram igualmente consideradas tanto as situações de arrendamento como as de compra de casa. Quanto a este último critério, é a aleatoriedade da bola de neve que dita a distribuição de “casa própria” ou “casa arrendada” pelos três grupos, embora se saiba, pelas pesquisas levadas a cabo anteriormente, pelos dados estatísticos nacionais e pelas estatísticas oferecidas pelos grandes questionários europeus, que a conjugalidade é mais vivida em contextos de casa própria e a autonomia habitacional não conjugal em contextos de arrendamento.

Tabela 3. Entrevistados até 15 de Agosto de 2009

Grupo	Sexo	Entrevistados
Autonomia residencial não conquistada (5)	Feminino (2)	Dora Fonseca, 24 anos, licenciada , técnica de estudos de mercado Sílvia Carvalho, 31 anos, pós-graduada , educadora de infância
	Masculino (3)	Jonas Falcão, 27 anos, frequenta licenciatura , avaliador orçamentista Gabriel Vaz, 26 anos, curso profissional , técnico de informática Jorge Rocha, 30 anos, licenciatura incompleta , empregado bancário
Autonomia residencial conquistada: saiu de casa para viver sem cônjuge (12)	Feminino (6)	Sandra Furtado, 24 anos, 11º ano , empregada de livraria Júlia Neves, 25 anos, licenciada , empregada de sapataria Carolina Resende, 27 anos, licenciada , técnica de relações internacionais Alice Barbosa, 28 anos, licenciada , assistente de direcção Fernanda Silva, 30 anos, licenciada , relações públicas Telma Valentim, 31 anos, 12º ano , assistente de direcção
	Masculino (6)	Gonçalo Fernandes, 26 anos, licenciado , técnico de óptica e <i>DJ</i> Nelson Santos, 30 anos, licenciatura incompleta , empregado administrativo Carlos Ramirez, 26 anos, pós-graduado , técnico de recursos humanos Mário Rangel, 28 anos, 12º ano , vendedor Manuel Castro, 28 anos, 12º ano , empregado administrativo Roberto Caeiro, 29 anos, frequenta licenciatura , director de contratação
Autonomia residencial conquistada: saiu de casa para viver com cônjuge (11)	Feminino (7)	Sónia Resende, 24 anos, 9º ano , cabeleireira Mónica Tavares, 27 anos, licenciada , professora e explicadora Solange Antunes, 30 anos, 12º ano , empregada administrativa Susana Correia, 32 anos, 12º ano , empregada administrativa Carla Barcelos, 30 anos, 12º ano , medidora orçamentista Madalena Esteves, 29 anos, 12º ano , supervisora de <i>back office</i> Vera Trindade, 29 anos, 12º ano , empregada administrativa
	Masculino (4)	David Zarco, 30 anos, licenciado , consultor de comunicação Pompeu Domingos, 31 anos, 12º ano , técnico de informática Paulo Ribeiro, 27 anos, licenciatura incompleta , empregado de balcão e estudante Leonardo Ramos, 32 anos, 10º ano , técnico de informática

3 | Recolha de biografias e cronologias

No sentido de responder à análise de âmbito cultural e à operacionalização do conceito de *constestable adulthood* referido acima, foi construído um guião semiestruturado que pudesse permitir a comparabilidade entre gerações e entre os indivíduos mas que, ao mesmo tempo, respeitasse o carácter “narrador” das biografias e das histórias de vida contadas na primeira pessoa. Esse equilíbrio foi o objectivo. Este instrumento foi complementado com um outro, a ficha de eventos, que será apresentado mais abaixo. As dimensões das entrevistas estão listadas de seguida.

Lista 1. Principais dimensões das entrevistas a jovens

1. Dados de caracterização social (data de nascimento, profissão, situação na profissão, freguesia e concelho de residência, etc.)
2. Transição para a vida adulta em geral (definição de *adulthood*, factores e experiências de vida importantes para estatuto de pessoa adulta, definição de autonomia, de independência, de responsabilidade, etc.)
3. Ficha cronológica de eventos
4. A “minha” transição (narrativa livre sobre a saída da adolescência)
5. A “minha” transição comparada com a dos “outros” (comparações geracionais e de género)
6. A saída de casa dos pais (a “minha” no caso dos jovens)
7. A “minha” relação com os “outros” (evolução e caracterização da relação entre os membros da família durante o processo de transição para a vida adulta)
8. Expectativas face ao futuro

O instrumento complementar às entrevistas utilizado foi, como já referido, inspirado em técnicas de análise estatística de biografias, em especial *event history analysis*. Tal permite a análise da forma como os vários eventos na vida de um indivíduo se organizam em “carreiras” (profissionais, familiares, habitacionais, escolares, etc.), e ainda de como estas várias carreiras se organizam no tempo entre elas.¹⁰ Num período demograficamente denso como o da transição para a vida adulta, este instrumento é da maior importância. Coleman define este processo analítico enquanto uma “coleção de unidades de análise (que podem ser

¹⁰ A este propósito, ver o trabalho desenvolvido por Gary Pollock (2007) e a técnica da *multiple sequence analysis*, cujo objectivo é precisamente analisar e classificar estatisticamente as sobreposições e relações causais entre os eventos das várias carreiras.

indivíduos, organizações, etc.), cada uma movendo-se num finito (geralmente pequeno) número de situações, sendo que estas alterações (eventos) podem acontecer em qualquer ponto do tempo (isto é, não estão restritas a pontos predeterminados no tempo) e existem factores temporais dependentes ou constantes que influenciam os eventos” (1981, em Blossfeld e Rohwer, 2002: 1, tradução nossa). Assinalada a inspiração para o desenho do instrumento de recolha de informação, foi construído um instrumento dessa recolha, aplicado no decorrer da própria entrevista e que proporciona, por um lado, informação mais rigorosa acerca dos *timings* dos eventos e, por outro, o mote para uma narrativa mais livre em torno dos mesmos, ao mesmo tempo que a relação entre só vários eventos é desvendada pela forma sequencial com que a informação é dada ao investigador. Este tipo de recolha de dados permitirá, de forma estatística ou mais manual, como é o caso por agora, os seguintes tipos de análise de trajectória: análise da cronologia (ordem) dos eventos transicionais, densidade demográfica do período de transição (24-32) (número de eventos/número de anos de vida por idade), duração e intervalos dos eventos, linearidade e reversibilidade dos eventos e sobreposição de eventos.

Figura 1. Instrumento de recolha utilizado: ficha de eventos, recolha retrospectiva

Ano/ idade	Escolaridade		Emprego		Viver sozinho		Namoro		Coabitação		Casamento		Filhos
	Início ou regresso	Fim ou intervalo	Início	Fim	Saída ou mudança	Regres- so	Início	Fim	Início	Fim	Início	Separa- ção ou divórcio	
80 / ...													
81 / ...													
... / ...													
... / ...													
08 / ...													
09 / ...													

4 | Carreiras habitacional, amorosa e profissional

Retomando as potencialidades de uma análise da história dos eventos transicionais para a vida adulta e tendo em conta o conjunto de histórias recolhidas até à data, o objectivo desta componente foi identificar as pistas para a futura análise, numa tentativa de desvendar que perfis se desenham e que categorias de que variáveis os caracterizam (das consideradas relevantes até mesmo para a construção da amostra, tais como idade, sexo, escolaridade, tipo de primeira saída de casa). Para tal, recorreu-se aos vários eventos registados em momento de entrevista e analisou-se os *curricula vitae* (latim para “trajectórias de vida”) das mais relevantes carreiras da vida: escolar, profissional, amorosa, habitacional, parental.

Uma primeira análise possível é a da cronologia dos eventos. Por cronologia aqui entenda-se a ordem pela qual ocorreram os primeiros eventos em cada uma das carreiras seguintes: escolar com percurso universitário, amorosa com o primeiro namoro, a primeira experiência profissional remunerada e a saída de casa. O denominador comum mais adequado para comparar trajectórias é a idade, permitindo com mais exactidão a comparação das mesmas, especialmente porque não foram realizadas entrevistas em número suficiente para ser pertinente uma análise por *coortes* etárias substantivamente relevante (sendo por agora apenas tida em conta de 1982 a 1989,¹¹ como relativamente homogénea). Relativamente à ordem dos inícios das carreiras, uma primeira hipótese a testar era se a ordem mais banalmente aceite como prudente e linear se encontra espelhada neste conjunto de entrevistados. Essa ordem é a de terminar os estudos, iniciar uma relação amorosa estável, exercer uma actividade profissional de forma regular, e sair de casa dos pais (muitas das vezes de forma coincidente no tempo com o evento da coabitação ou casamento). Mesmo tendo em conta apenas os primeiros eventos em cada uma das carreiras (e não ainda a conhecida multiplicação e reversibilidade dos eventos no longo e denso período da transição para a *adutez*), constata-se que esta ordem cronológica referida e esperada nem sempre se reflecte nos dados recolhidos. A este respeito são três as primeiras pistas de análise/semiconclusões que se podem apresentar:

¹¹ Parte da geração denominada, em Portugal, como “geração rasca” e a que viveu com esse rótulo; e em geral como “geração y”.

a | *A saída de casa como o adiável evento*

A saída de casa dos pais é, como nos refere a literatura europeia, um potente indicador da diferenciação dos regimes europeus de transição para a vida adulta e, ainda, dos *Welfare States* que os contextualizam. Os dados estatísticos, por seu turno, demonstram-nos que em Portugal a saída de casa dos pais dos jovens das gerações correntes é um evento demográfico adiado. Os discursos até agora recolhidos confirmam-nos essa tendência. A saída de casa dos pais é um evento adiável e pouco urgente. São os eventos não demográficos nas vidas dos jovens os que mais impulsionam a saída individual (e não conjugal) de casa dos pais e que permitem encarar esta decisão de uma forma menos “perfeccionista” (o testemunho de Carolina condensa esta mesma ideia). Além disso, verifica-se que o efeito impulsionador destes mesmos eventos é muito mais visível nos relatos das vidas femininas do que no das vidas masculinas.

Foi cancro, fez-me equacionar as coisas e pensar nas coisas de maneira diferente. Senão ainda estava a viver em casa dos meus pais de certeza e esperava por melhores tempos que aparecessem.

[Carolina Resende, 27 anos, vive com amiga, licenciada, técnica de relações internacionais]

Devido ao limite mínimo do escalão etário considerado (24 anos), algumas das carreiras não foram iniciadas e alguns eventos não ocorreram. Ainda assim, é verificável que a carreira habitacional, independentemente da forma (individual ou conjugal) como ocorre, é sempre a última a ter início. A saída de casa dos pais é, portanto, um evento recorrentemente adiável, “deixado para o fim”, mesmo quando vivido simultaneamente com outros eventos (conjugais na maioria das vezes, e porque não se considera a semiautonomia como uma real entrada na carreira habitacional, isto é, uma real saída de casa dos pais). Como já foi referido, esta tendência não é surpreendente, na medida em que reflecte os *timings* de transição característicos dos países do Sul da Europa e de Portugal, como já se teve oportunidade de observar em dados e resultados estatísticos, nomeadamente através dos dados do European Social Survey.¹²

A ausência desta saída de casa dos pais ou a sua simultaneidade com outros eventos (casamento, união de facto, etc.) é a característica mais diferenciadora neste conjunto de vidas

¹² A este propósito, ver Magda Nico (2008), *Conjugalidade and Transition to Adulthood*.

relatadas, e não o *timing* da mesma. Por esse motivo, é em relação ao destino na saída de casa e não ao seu lugar cronológico que os próximos pontos mais se associarão, dado que é relativamente ao destino que se pode desfrutar da diversidade da amostra. As decisões e motivações relativamente à saída de casa dos pais são retomadas mais adiante neste *paper*.

b | *O namoro como uma entrada off the record na adultez*

Para quase metade destes entrevistados a experiência de um namoro “adulto” (uma relação e não apenas sentimentos considerados pelos próprios como significativos, sérios ou relevantes), por contraposição aos “namoricos”, é a primeira experiência adulta no sentido em que ao mesmo tempo que resultou de um desempenho social autónomo do seio familiar, o seu desenrolar é em grande parte das vezes, pelo menos inicialmente, desconhecido para os pais. É, para além disso, um primeiro momento de assunção de responsabilidade para com a vida futura e/ou para com outra pessoa, e muitas vezes um mote para a exigência de reconhecimento parental de autonomia decisória, como evidenciam as citações seguintes.

[a propósito de conflitos com o pai devido ao impacto do primeiro namoro] Eu sempre escolhi o meu pai a tudo e naquela altura não me apeteceu escolher o meu pai. Também não estava ali uma questão de escolha... Eu quis provar o contrário porque a atitude dele, a desilusão dele e a falta de carinho, falta de interesse... Eu até sei que ele estava interessado, mas queria mostrar a falta de interesse. Ainda me deu muita força para fazer o curso todo e ainda fazer os dois ramos, para depois chegar ao final do curso e ser tipo uma bofetada de luva branca!

[Mónica Tavares, 27 anos, vive em união de facto, licenciada, professora]

Podia sair à noite mas era só com ele e pronto. Acalmei muito. Eu atinei porque já tinha vivido aquelas coisas e ainda bem que as vivi. Eu saía com ele à mesma só que a diversão era diferente.

[Solange Antunes, 30 anos, casada, com um filho, 12º ano, emp. administrativa]

Como podemos observar, a idade em que o primeiro namoro toma lugar nas vidas destes jovens é muito variável e, aliás, significativa para a diferenciação das suas trajectórias de saída da casa parental (como se verá mais adiante). No entanto, entre o número mínimo e máximo de namorados ou namoradas tidos até ao momento não existe uma amplitude significativa, sendo o número mais frequente dois namoros (em 12 dos casos). Encontram-se,

porém, algumas variações consoante o tipo de trajectória de saída de casa, o que confirma, mais uma vez, a intensa associação entre as expectativas relativamente a um projecto conjugal (seja ele casamento ou união de facto) e o *timing* de saída de casa dos pais.

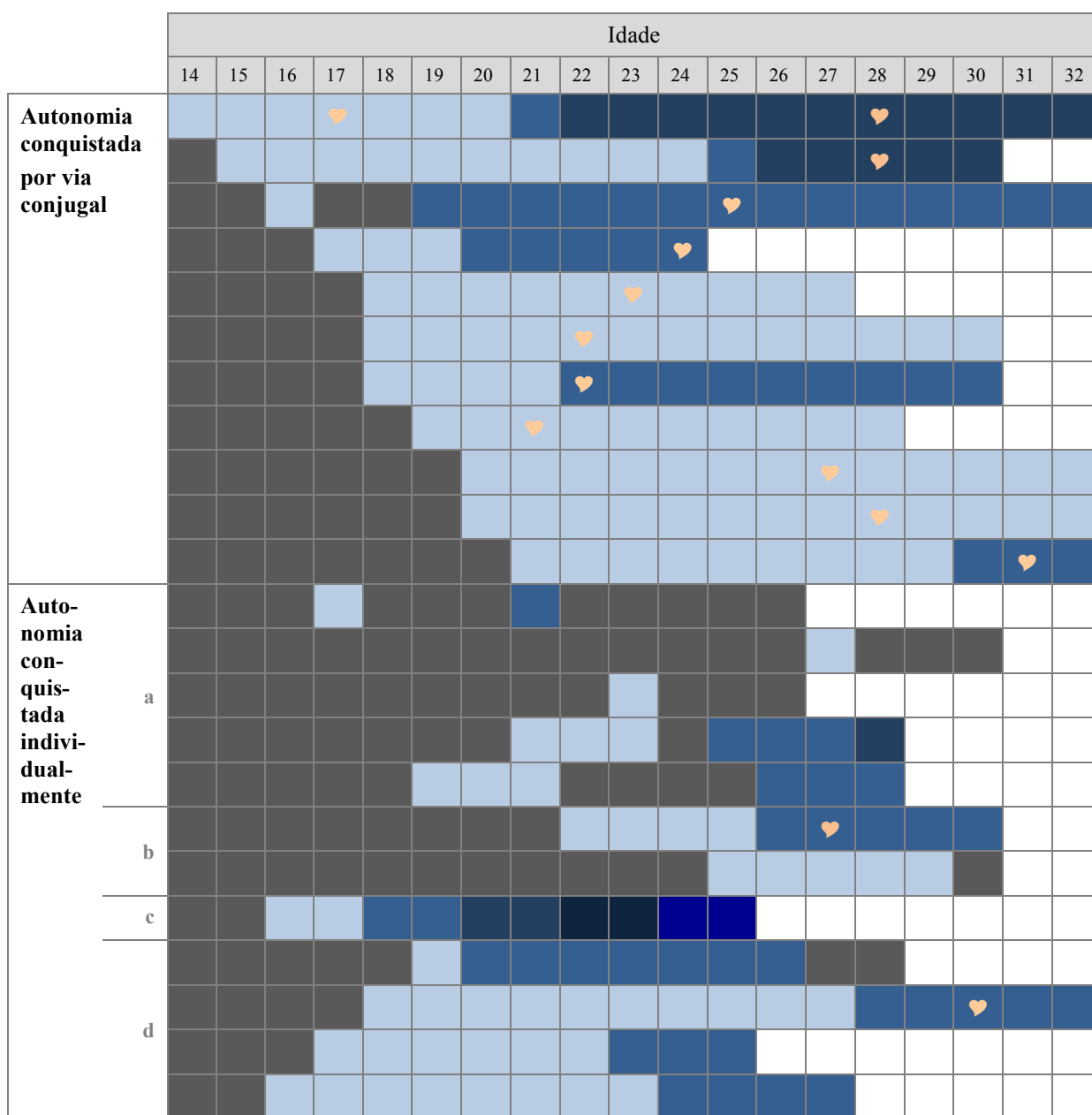
Entre essas variações, a mais significativa e consistente é a combinação dos seguintes factos: os jovens adultos que saem de casa em pleno projecto conjugal (saem de casa dos pais pela primeira vez por via do casamento ou união de facto) têm menor número de relações significativas (sendo o único perfil de saída de casa que concentra um número proporcionalmente significativo de jovens adultos com apenas uma relação significativa), sem interrupções e com início muitas das vezes mais precoce. O factor referente à carreira amorosa que mais parece distinguir é, então, existirem ou não intervalos superiores a 12 meses entre relações. Assim, o que se verifica é que todos os indivíduos que saíram de casa através do casamento ou da união de facto tiveram apenas uma relação significativa até ao momento ou, no caso de terem tido mais, não tiveram interrupções iguais ou superiores a 12 meses. Assim, a importância de um projecto conjugal na idade jovem adulta, que culmina na *forma* como se sai de casa dos pais, é perceptível na continuidade ou descontinuidade na carreira amorosa anterior.

As carreiras amorosas com estas características, seja neste perfil de saída de casa conjugal ou individual (ver subgrupo *d* na figura 3), são tendencialmente femininas. A principal diferença entre união de facto e casamento, por seu turno e no que se refere ao *timing* da sua ocorrência, é que a união de facto é não poucas vezes gradual, isto é, a saída de casa dos pais não ocorre um dia e de uma vez por todas. É muitas vezes intermitente e/ou gradual ou mesmo tácita. Para além disso, a união de facto muitas vezes não se refere a uma dupla e coincidente saída de casa dos pais dos dois membros do casal (como é mais comum no caso do casamento), mas consiste sim, muitas vezes, em ser um dos jovens a passar a residir na casa já alugada ou comprada pelo seu futuro cônjuge. Nestes casos é, portanto, um ponto de encontro entre jovens com percursos e experiências habitacionais diferentes, o que implica por vezes uma dificuldade em sincronizar formas de coabitar e de ocupar um espaço doméstico.

Não é fácil identificar um padrão entre, por um lado, a idade de início do namoro ou a duração do mesmo e, por outro, a idade ou momento em que os jovens casam ou se unem de facto. A hipótese aqui levantada é que, mais do que resultado da “história” de amor, isto é, dos acontecimentos ou do decorrer da própria relação, o *timing* do casamento depende de factores alheios à relação, como o investimento escolar ou profissional. Tal hipótese será explorada posteriormente, com a “amostra” completa e as carreiras analisadas conjuntamente.

No grupo dos jovens que saíram de casa inicialmente para viverem sozinhos (leia-se, sem familiares ou cônjuges) podemos observar uma maior variedade de percursos. A pós-linearidade é, por definição, menos homogénea e definível. Por um lado, um percurso (*d*) muito idêntico ao percurso amoroso dos jovens com autonomia conquistada por via conjugal, mas sem ser pretexto para a saída de casa dos pais; por outro, um percurso de relações espaçadas e de curta duração (*a*); um percurso com poucas relações significativas e com início em idade mais elevada (*b*); e, por fim, um percurso com um maior número de relações significativas consecutivas (*c*). Esta diversidade fica, por agora, por explicar. A aparente fraca linearidade entre estes eventos será reanalisada com um conjunto maior e mais relevante de entrevistados.

Figura 2. Carreiras amorosas dos entrevistados



Legenda: 1º namoro, 2º namoro, 3º namoro, 4º namoro, 5º namoro, ♥ Casamento ou união de facto

Não sendo possível exemplificar através de cronologias, mas adiantando algumas pistas sobre que causas poderão explicar o efeito “saída de casa dos pais sem projecto conjugal”, são os *turning points* identificados pelos entrevistados. Um deles, um dos mais frequentes, é o fim de uma relação amorosa significativa. Veremos esse aspecto mais aprofundadamente nas biografias, contudo, aqui fica um dos exemplos dessas situações.

Precisava de uma mudança radical, precisava de sair, foi uma fuga [...]. Não te vou mentir, o desgosto amoroso foi um facto importante, o clic para ir foi esse.

[Alice Barbosa, 28 anos, vive com amigos, licenciada, assistente de direcção]

c | *Diz-me porque trabalhas, dir-te-ei quem és*

Na figura seguinte é possível visualizar a acrescida variabilidade das experiências profissionais (no seu *timing*, variabilidade e evolução) face às outras carreiras da vida. De facto, se as carreiras amorosas apresentam uma grande associação com a forma e destino com que estes jovens saem (ou não) de casa dos pais, as carreiras profissionais, ao reflectirem e/ou produzirem éticas de consumo e de lazer e estilos de vida (como será desenvolvido numa componente mais biográfica desta pesquisa), associam-se mais ao *timing* (conciliação com a cronologia das outras esferas) da saída de casa do que meramente com a idade ou destino da mesma. Assim, é a forma como definem o trabalho que desempenham e desempenharam, o sentido que dão às suas ambições e realizações profissionais, e o modo como se referem às suas actividades como “trabalhecos”, “trabalhos honestos” ou trabalhos “a sério” que mais explicação oferecem para a variabilidade visível na figura seguinte. Os discursos dos entrevistados permitem ilustrar esta diversidade. Um sentido de responsabilidade desinteressada e, nas palavras do próprio, “oportunista”, é observado no caso do Jorge, para quem o trabalho é uma fonte de rendimentos, tempo e possibilidades de gozar momentos de lazer; enquanto que, no caso da Solange, ganhar o seu próprio dinheiro foi muito importante para a sua identidade, mesmo que este seu desempenho adulto não pudesse ter sido, em tempo real, do conhecimento dos pais. Dora vê-se com uma relação diferente com o trabalho, em que a estabilidade quase imediatamente obtida a coíbe e desincentiva de arriscar outros rumos profissionais e a empurra para aquela “primeira vez profissional” com indesejado conformismo.

Este trabalho tem o privilégio de não se confundir comigo. Em dois anos de banco, se saí de lá meia dúzia de vezes a pensar nas coisas, é muito. Nunca passei um fim-de-semana a pensar nas coisas. Não faz de mim o melhor bancário do mundo mas faz de mim uma pessoa mais sossegada para gozar o que quero gozar.

[Jorge Rocha, 30 anos, vive com os pais, licenciatura incompleta, emp. bancário]

A parte do ganhar dinheiro foi muito importante. O meu pai não me dava muita coisa e eu saía à noite e trabalhava num bar às escondidas do meu pai. Eu dizia ao meu pai que ia dormir a casa de uma amiga minha e ela dizia que ia dormir à minha. E eu trabalhava lá à sexta, ao sábado e ao domingo.

[Solange Antunes, 30 anos, casada e com um filho, 12º ano, emp. administrativa]

Não experimentei trabalhar antes e agora sinto que devia ter experimentado, gostava de ter passado pela experiência de procurar e de fazer esse esforço antes de agora já estar segura com o que tenho. Ainda me cria maiores entraves porque não passei por isso, não sei agora como é que vai ser. Sinto que me falta essa estaleca para arriscar mais, sinto que não tive que arriscar, e agora custa-me arriscar ainda mais, tendo em conta que já tenho uma coisa que é minimamente segura.

[Dora Fonseca, 24 anos, vive com o pai, licenciada, téc. de estudos de mercado]

O tipo de postura mais subjectiva face ao trabalho reflecte-se ou espelha o *timing* de entrada no mercado de trabalho, pois este tem subjacentes diferentes objectivos (identitários, remuneratórios, necessidade, etc.). É possível a identificação de três perfis de carreiras de situação na profissão. O perfil que podemos observar em primeiro lugar é aquele que se denominou “entrada gradual e precoce” no mercado de trabalho, a qual se faz mais cedo do que no caso dos seus pares, de forma intermitente mas independente dos percursos de saída de casa ou escolares. Neste perfil encontramos uma predominância de jovens que já saíram de casa dos pais, especialmente aqueles que o fizeram por via não conjugal.

É de referir que se verifica uma associação entre, por um lado, os jovens que saíram de casa dos pais para viverem sozinhos, sem ter passado por uma experiência anterior de frequência de licenciatura numa área de residência distinta da do agregado de origem, e a experiência especialmente prolongada, ou inicialmente nas férias escolares, de *part-time*. Tal inicialmente reflecte o papel impulsionador dos pais para encontrar ocupações remuneradas

dos tempos livres escolares, e posteriormente reflecte a busca naturalizada de um equilíbrio entre autonomia financeira e prossecução dos estudos. Apesar de uma carreira iniciada mais cedo, tal não é sinónimo de uma mais precoce (em idade) conquista de relativa estabilidade profissional. Mas mais importante do que isso, confirma-se a ideia de que a relação entre rendimentos ou estabilidade remuneratória e autonomia habitacional não é linear, como já havia sido referido por Michael *et al.* (1980). Desta forma, percursos profissionais aparentemente pouco assertivos ou regulares podem ser resultado de um esforço de conciliação entre o investimento escolar e, neste caso, habitacional, ao invés de revelarem simplesmente uma urgência e pouca excelência na procura de um emprego.

Um segundo perfil concentra percursos profissionais que rapidamente entram em situações na profissão estáveis, com contrato ou efectividade. Concentra igualmente a grande parte dos percursos femininos e apresenta uma ligeira predominância dos jovens que saíram de casa através do casamento ou da união de facto. É o tipo de percurso mais linear e que, também por isso, mais sincronizado está com as restantes carreiras (nomeadamente conjugal). Um terceiro perfil concentra entradas menos determinadas/necessitadas no mercado de trabalho e jovens que ainda não saíram de casa dos pais, essencialmente por não encontrarem motivos para tal. Para estes jovens, os rendimentos auferidos não estão destinados a um projecto de conquista habitacional a curto prazo, e além disso contam em geral com possibilidades e suporte financeiro por parte dos pais. O exercício de uma actividade profissional justifica-se pelo desejo de manutenção de um determinado estilo de vida, como ilustra o caso do Jonas.

Não ter que pedir nada aos pais: se te apetecer comprar compras, se te apetecer viajar, vais. Não tens que estar a pedir “Olha pai, dá aí mil para eu gastar”. Porque senão depois vais para esses sítios e começa-te a pesar na consciência: “estou aqui a gastar dinheiro do meu pai...”
Acho eu, eu já passei por isso.

[Jonas Falcão, 27 anos, vive com os pais, frequenta licenciatura, avaliador orçamentista]

5 | Densidade transicional, sobreposição ou causalidade entre eventos

Este ponto da análise das cronologias de vida poderá ter sofrido consideravelmente com o facto de a amostra estar ainda bastante incompleta e algo desequilibrada. É possível, contudo, uma análise exploratória dos dados recolhidos, que é, aliás, a ambição máxima deste *paper*.

A densidade dos eventos em cada uma das carreiras foi obviamente medida tendo em conta os anos de vida dos entrevistados, sendo definida por:

número de eventos/número de anos de vida (desde os 14 anos inclusive).

Os eventos contabilizados nas várias carreiras são:

- Carreira amorosa: início de namoro significativo, fim de namoro significativo, interrupção de namoro, união de facto, casamento, separação, divórcio, recasamento;
- Carreira profissional: início de actividade, mudança de actividade, desemprego;
- Carreira escolar: fim da escolaridade obrigatória, reprovações, interrupções por mais de 12 meses, início de curso superior ou outro, fim de curso superior ou outro;
- Carreira habitacional: saída de casa dos pais, mudança de casa, retorno a casa dos pais.

São essencialmente quatro os *outputs* que podemos retirar desta análise da densidade dos eventos. Um deles é a mera comparação da densidade em cada uma das carreiras, com base na qual se confirma a ideia acima referida, a de que a saída de casa fica para o fim, de que as decisões de mudança habitacional ainda são pautadas por algum perfeccionismo. O *curriculum vitae* da carreira habitacional é o mais pobre em eventos e experiências. Reformulam-se e reiniciam-se projectos de vida amorosos, escolares e profissionais, buscam-se os frutos desses investimentos, e espera-se já não tanto pelo príncipe encantado mas pela *casa encantada*, pela casa da sua vida, pela casa dos seus sonhos. Como veremos pelos discursos dos entrevistados, a saída de casa dos pais, a acontecer, é quase sempre coincidente ou consequência de um outro evento, e quase nunca um evento *per si*. É uma expressão pouco autónoma de autonomia (existem obviamente, no conjunto de entrevistados, excepções a esta regra).

Podemos observar no gráfico seguinte (figura 4) a discrepância de densidade de eventos, sendo a carreira profissional a mais densa. Esta é marcada por poucos períodos de

desemprego, mas por uma multiplicidade de experiências profissionais, esporádicas e variadas. A cada experiência profissional esporádica está geralmente associado um objectivo específico de consumo, mais ou menos finito (comprar computador, sustentar a “noite”, etc.) mas sempre associado a um estilo de vida autónomo do dos pais e a uma continuação de vida sem encargos financeiros. O que é certo é que, com ou sem objectivos de natureza ética ou ambiciosa, a entrada no mercado de trabalho faz-se a maior parte das vezes de forma gradual e numa espécie de processo de tentativa-erro, o que vem naturalizar a aquisição deste tipo de responsabilidade e maturidade contextualizada no tempo (horário de trabalho) e espaço (local de trabalho). Nesta gradação, primeiro adquire-se a responsabilidade no trabalho, isto é, responsabilidade e maturidade para ganhar dinheiro, ainda que apenas mais tarde se ganhe a responsabilidade de o “saber gastar”.

Eu por acaso, nesse aspecto, sempre fui muito responsável em termos de trabalho. Desde que arranjei sempre fui muito certinha e nunca andei em “hoje estou num e amanhã estou noutra”. Tentei procurar uma coisa mais estável e que eu gostasse de trabalhar. Trabalhei em alguns sítios que não gostei e nesse aspecto andei a saltar realmente até encontrar aquilo que gostava e me sentir bem naquilo que estava a fazer. E nesse aspecto se calhar fui adulta um bocadinho mais cedo. Agora no resto não, tudo o que eu ganhava estorricava tudo: era roupa, acessórios, saídas, borgas... Eu gastava o dinheiro na primeira semana que recebia e depois andava a pedir dinheiro ao pai e nesse aspecto acho que não fui nada responsável.

[Madalena Esteves, 12º ano, administrativa, casada, com uma filha de 3 anos]

Esta ambiguidade é semelhante à identificada por Horowitz e Bromnick (2007) como um dos tipos de vivência de juventude e simultaneamente *adulthood*, que as autoras denominam como “vidas oscilantes” e descrevem como jovens adultos que oscilam, no quotidiano e voluntariamente, entre fases biográficas “clássicas” aparentemente alternativas (por exemplo, jovens adultos com profissões estáveis e qualificadas que são assíduos, no fim-de-semana, a *raves*) (Horowitz e Bromnick, 2007: 210; ver também Egris, 2001: 103-104, e Westeberg, 2004: 41). A ambiguidade é, neste caso particular, uma mais-valia na transição para a vida activa e para a negociabilidade do estatuto de adulto.

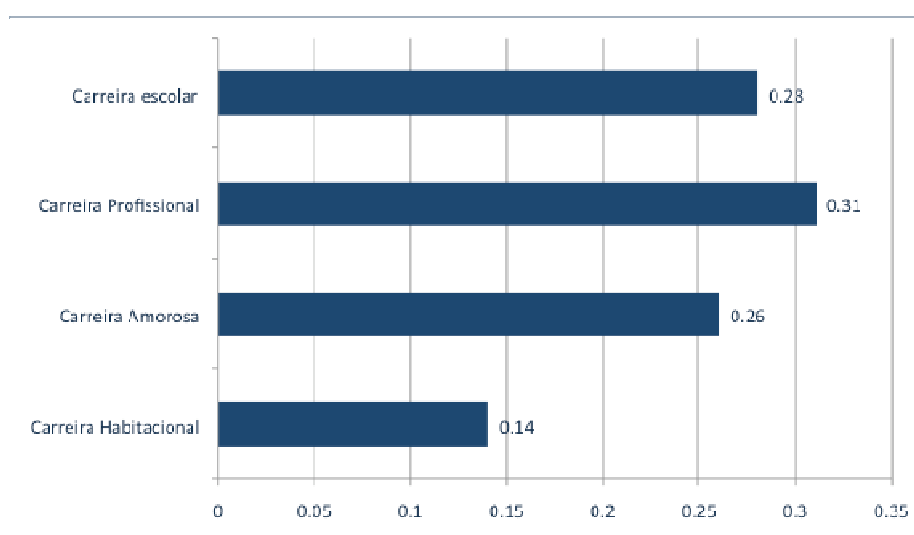
A carreira escolar, por sua vez, é densa por três ordens de motivos:

- elevado número de reprovações para os jovens adultos que não ingressaram no ensino superior (impasses escolares associados a “insucesso” escolar);

- elevado número de ingressos no ensino superior e relativo número de abandonos do mesmo (experiências diversificadas de ensino superior);
- moderadamente elevado número de reingressos no ensino secundário (em regime de unidades capitalizáveis, módulos ou nas Novas Oportunidades) e presença de alguns casos de ingresso em cursos de ensino superior em regime nocturno ou para maiores de 23 anos (geralmente interrompidos) (carácter reversível ou confirmatório das decisões escolares).

Estes e outros aspectos serão rebuscados aquando da análise da densidade dos eventos transicionais por idade (e percurso).

Figura 4. Densidade dos eventos por tipo de carreira (eventos por anos de vida, desde os 14 anos)



A figura seguinte permite-nos uma perspectiva de género sobre a análise da densidade transicional. Alguns factos sobre a amostra até agora constituída contagiam a seguinte análise: (i) existe um relativo desequilíbrio entre o número de homens e o número de mulheres cuja saída de casa dos pais foi conjugal (7 mulheres e apenas 3 homens). Como já foi argumentado por Goldscheider e Goldscheider (1993), sair de casa para casar ou unir-se de facto, ou ter simplesmente esse objectivo, diminui a pró-actividade em procurar situações intermédias e transitórias, como viver sozinho ou sem familiares. Desta forma, este desequilíbrio deverá ser tido em conta na análise das diferenças de género na carreira habitacional. Além disso, existe também um (ii) desequilíbrio relativamente à experiência de ensino superior, mais elevada no

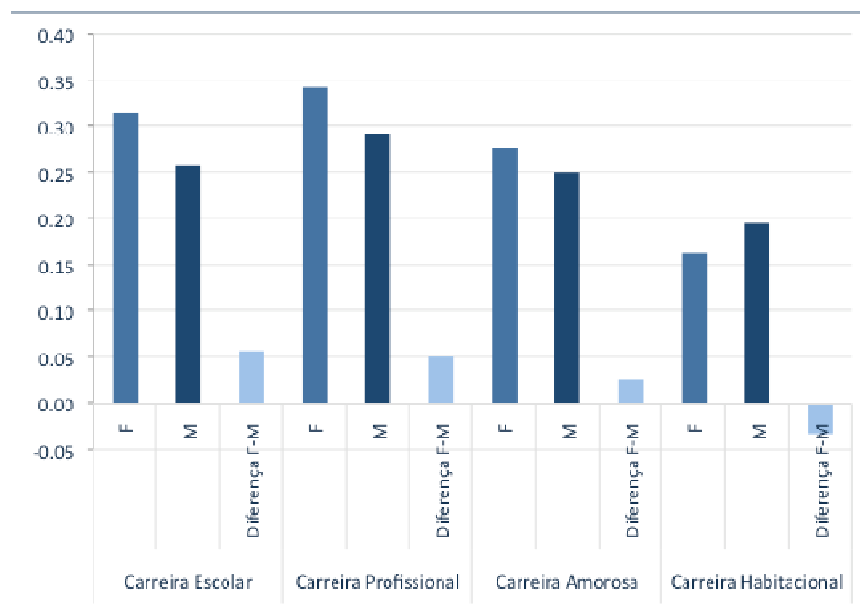
caso das mulheres. Tal terá também certamente interferência na discrepância entre a densidade feminina e masculina na carreira escolar como também na carreira habitacional (o prolongamento dos estudos diminui a densidade na carreira profissional, o que por sua vez diminui a estabilidade remuneratória considerada condição *sine qua non* para a saída de casa dos pais, especialmente se não for conjugal). Estes aspectos ajudam a explicar a mais elevada densidade feminina na carreira habitacional.

As diferenças de densidade encontradas entre os percursos femininos e masculinos no que se refere à escolaridade podem ajudar a descrever a amostra até agora recolhida. A mais elevada densidade feminina na carreira escolar prende-se com o facto de as mulheres desta amostra, mais do que os homens da mesma, terem ingressado no ensino superior, e de isso compensar o facto de os homens terem reprovado mais vezes no ensino secundário e preparatório. As mulheres têm também mais tendência para completar ou regressar aos estudos (universitários ou não).

A carreira profissional é também mais densa no caso das mulheres porque, mesmo com a mais regular frequência de ensino superior, o exercício de uma actividade profissional (mesmo que em regime de tempo parcial ou com carácter esporádico) é mais comum nos percursos femininos.

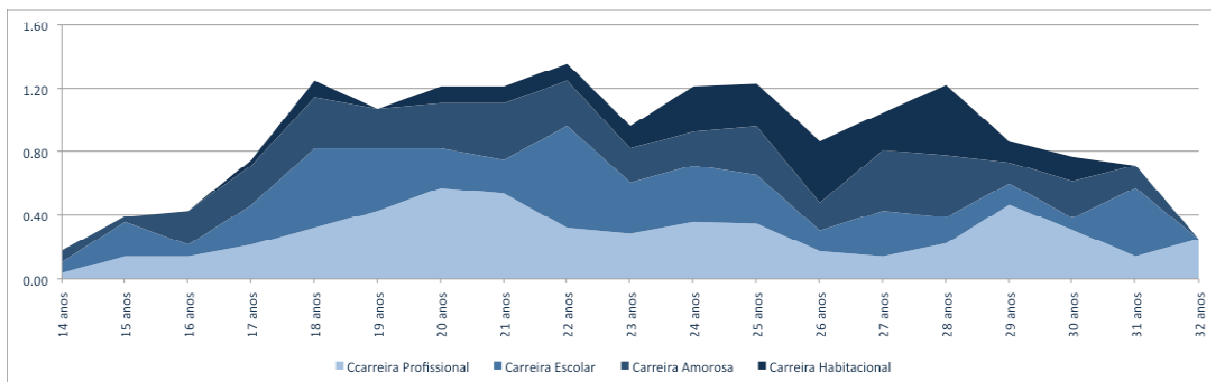
Já a carreira amorosa apresenta uma densidade feminina também mais elevada, neste caso baseada num maior número de casamentos ou uniões de facto e não propriamente num maior número de relações amorosas.

Figura 5. Densidade dos eventos por tipo de carreira segundo o sexo (eventos por anos de vida, desde os 14 anos)



Mas os momentos de transição para a vida adulta têm eles mesmos um percurso, com picos e marasmo, e o tempo não passa sem deixar um rasto. Vejamos, na próxima figura, a forma como a densidade nos vários eventos se combina cronologicamente, abrindo caminho para uma discussão, com base também nos discursos dos entrevistados, em torno da relação de causalidade entre os mesmos. O gráfico seguinte permite-nos constatar que os picos de densidade transicional ocorrem quase ciclicamente de três em três anos. Períodos de marasmo são alternados com investimentos e acontecimentos múltiplos, aproximadamente aos 18, 22, 25 e 28 anos. Entre estes picos, o alvo principal dos investimentos vai-se alternando, insinuando à primeira vista a forma mais tradicional de entender e analisar a transição para a vida adulta: uma acumulação de papéis sociais que vão sendo adquiridos nas várias esferas: escolar, profissional, conjugal e habitacional.

Figura 6. Densidade (acumulada) dos eventos nas várias carreiras (eventos por ano de vida)



Dedicando mais atenção à cronologia e *timing* dos acontecimentos, é possível detectar dois períodos distintos de transição para a vida adulta. Um primeiro período em que o investimento na carreira habitacional é de nulo a baixo e em que são os investimentos escolares, para uns, e os investimentos profissionais, para outros, os que mais espaço temporal identitário ocupam. Para uns, a entrada na faculdade é um aspecto determinante na forma como se vêem a sair da juventude “em estado bruto”, e se vêem obrigados ou impelidos a comportarem-se como pessoas adultas, começando a ver direccionadas para si expectativas “sem desconto jovem”. Relacionar-se com outras pessoas, “sair do bairro”, aumentar o ângulo de visão da vida são alguns dos efeitos mais ou menos lentos do ingresso no ensino superior. O testemunho de Jorge ilustra alguns desses discursos.

Eu acho que foi a entrada na faculdade, foi o momento em que a ideia de tutor desaparece, a ideia de seres tu que assumes as tuas responsabilidades. O que as pessoas te pedem é um resultado absoluto, é o mesmo que te pedem no trabalho. A pessoa não faz isto de um dia para o outro, não interioriza isto de um dia para o outro mas eu acho que o momento em que se vai para a faculdade é um momento em que se sente isso, independentemente da idade com que se faça.

[Jorge Rocha, 30 anos, vive com os pais, licenciatura incompleta, empregado bancário]

Para outros (muitas vezes para os mesmos), a função identitária mais importante é exercida não pelo ingresso no ensino superior mas, como já foi referido acima, pela acumulação de experiências profissionais. Muitas vezes essa acumulação de experiências profissionais é mesmo uma estratégia para obtenção/reconhecimento desse estatuto de adulto, é um meio para atingir um fim, como ilustra o discurso da Susana. Mas a maior parte das vezes é uma manifestação de amadurecimento e de responsabilidade.

Os meus pais prendiam-me muito, eu não tinha liberdade nenhuma. E isso só começou a mudar a partir do momento em que eu comecei a trabalhar. Também por isso comecei a trabalhar mais cedo. Exactamente porque queria essa independência [...].

[Susana Correia, 32 anos, administrativa, vive em união de facto]

Ainda neste primeiro momento, o investimento na carreira amorosa é mais ou menos estável e não parece acompanhar os picos crescentes ou decrescentes das outras esferas. Por outro lado, a carreira habitacional, que é a que apresenta a menor densidade, parece sofrer um aumento progressivo mais ou menos ao mesmo tempo que a densidade da carreira profissional apresenta um decréscimo progressivo. É, portanto, à medida que a estabilidade profissional se começa a instalar que a saída de casa dos pais começa a aparecer como tendência.

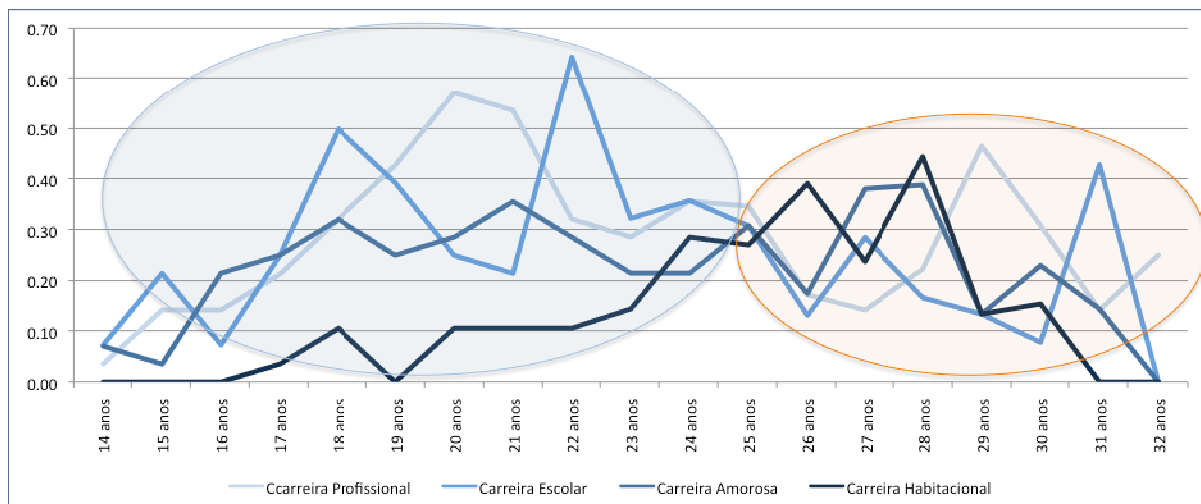
Aos 25 anos começa-se um novo ciclo, representando um ponto zero, em que todas as carreiras apresentam aproximadamente a mesma densidade. A partir deste mesmo ponto, a discrepância de densidade entre as várias carreiras não voltará a ser significativa, mantendo-se moderada entre todas elas. É altura de “assentar”, parar de procurar e começar a colher os frutos dos investimentos anteriores. A saída de casa atinge os seus picos em dois momentos e em diferentes relações causais com a densidade na carreira amorosa. Um primeiro, aos 26 anos, altura em que os investimentos nas restantes esferas decrescem, isto é, que a

estabilidade amorosa e profissional aumenta e os eventos escolares já deixaram de ocorrer. É o percurso típico da acumulação de papéis e da linearidade dos mesmos.

O segundo pico na saída de casa dos pais é muito menos linear e mais frequente nas mulheres. Está relacionado não com o decréscimo da densidade de eventos na carreira amorosa, mas com o seu acréscimo. É um bom exemplo da pró-actividade causada por um momento crítico, na medida em que grande parte dos casos responsáveis por este segundo pico está relacionada com eventos não lineares da vida: fim de relações amorosas a propósito das quais existiam fortes expectativas de continuidade, decisões tomadas no rescaldo de recuperações de doenças graves ou de situações familiares instáveis que atingem o seu pico negativo. São, portanto, fruto da pós-linearidade, momentos em que a racionalidade da decisão da saída de casa é posta de lado, sendo substituída pela vontade forte de mudar qualquer coisa, de sentir que se muda a rotina, que se muda o rumo das vidas, que se agarra o leme das mesmas, mesmo que com direcção desconhecida.

Mudanças nas outras esferas produzem resultados demasiado arriscados (no caso da carreira profissional) ou lentos (no caso da escolar, por exemplo), sendo a da carreira habitacional a mais eficiente a responder a esta necessidade de mudança.

Figura 7: Densidade dos eventos nas várias carreiras (eventos por ano de vida)



6 | *Aduldez*: definições e posicionamentos

O “estatuto” de pessoa adulta é, como argumentam Horowitz and Bromnick (2007), contestável. A definição do que é ser adulto e, conseqüentemente, a autopercepção de pertença a este estatuto e o desejo do mesmo são altamente variáveis. Tal já é visível no presente conjunto de 28 entrevistados.

Os discursos dos entrevistados reificam a variabilidade quase dicotômica do que é ser adulto. Esta variabilidade é composta por uma distinção analítica entre níveis de transição. Essa distinção tem sido identificada por vários autores:

- *Independência e autonomia*:¹³ A coincidência entre estados de dependência e de autonomia é um dos aspectos que melhor definem essa terra dos jovens adultos (Egris, 2001, 107-108; Biggart e Walther: 2006: 41).¹⁴ Para Molgat a independência refere-se aos aspectos mais declaradamente financeiros, e a autonomia e a responsabilidade têm um carácter mais relacional.¹⁵ Assim, enquanto a independência financeira é marcada pela obtenção de um trabalho (estável e a tempo inteiro), a autonomia é marcada pela capacidade (racional, emocional) de tomar as próprias decisões relativamente às *encruzilhadas do curso de vida*. A responsabilidade, percebida muitas vezes como produto da independência financeira e da autonomia referidas anteriormente, é subdividida entre a responsabilidade para com o próprio (e aqui estão novamente assentes as responsabilidades financeiras relacionadas essencialmente com o sustento e manutenção de uma casa e, em casos mais esporádicos, associada aos deveres domésticos e/ou escolares) e as responsabilidades para com os outros (relativamente aos colegas de trabalho e, essencialmente, ao cônjuge e aos filhos) (Molgat, 2007: 502-506):

¹³ Sendo a autonomia subdividida analiticamente em “decisões adultas” (auto-reconhecimento) e “estatuto de adulto” (hetero-reconhecimento). Westberg refere também que a autonomia pode ser conquistada, através de negociações no interior da família, mesmo em contextos de dependência ou semidependência económica (2004, 39).

¹⁴ Esta é ilustrada através da diversidade dos processos de saída de casa dos pais na Europa (Egris, 2001: 108).

¹⁵ Embora a saída de casa dos pais seja muitas vezes tomada como um indicador desta mesma independência financeira face à família de origem, esta acaba por ser desvalorizada enquanto tal por duas vias quase opostas: uma, em que os jovens adultos com trabalho e remuneração estáveis contribuem financeiramente para a manutenção (alimentação e/ou renda) da casa onde coabitam com a família de origem (Jones, 1995: 70-92); outra, em que os jovens adultos são facilmente beneficiários de *student* ou *housing allowances*, mesmo quando não têm uma actividade profissional e remuneratória estável (Oinonen, 2004: 269, 278). São, portanto, situações que se confundem entre interdependência financeira (Jones, 1995: 79) e semidependência.

- transições de papéis sociais e transições de estatuto (estas podem ser émicas/subjectivas, ou externas/sociais) (Westberg, 2004: 36-37);
- marcos de transição e qualidades individuais (Molgat, 2007: 497);
- transições e agência (Gordon e Lahelma, 2002: 7);
- recursos (cognitivos e sociais) para as transições e responsabilidade simbólica (Zittoun, 2007: 193);
- trabalho (como símbolo de recursos e de independência financeira) e família (como símbolo de responsabilidade face a terceiros) (Kugelberg, 2000);
- transições associadas a riscos sistémicos e transições associadas a riscos individuais (Biggart e Walther, 2006: 45).

Vejam no esquema seguinte em qual das duas dimensões de “ser adulto” se posicionam os jovens entrevistados, e a forma como tal se associa aos seus próprios perfis de transição. Com as devidas excepções, podemos observar alguma tendência para concentração de jovens que saíram de casa para acelerar o seu processo de amadurecimento e para poder viver uma vida independente dos pais no grupo dos que mais exaltam as qualidades individuais e o amadurecimento emocional e relacional. Mesmo tendo, com a saída individual de casa dos pais, consagrado a sua independência económica, não utilizam esse mesmo aspecto enquanto indicador para a *adulthood* ou, por tabela, enquanto instrumento de negociação de pertença a esse estatuto. A condição básica para se ser adulto nestes casos não é ter responsabilidades com terceiros ou instituições financeiras, mas sim consigo mesmo. O amadurecimento emocional e a autonomia decisória é um pré-requisito para a saída de casa e consagração de uma total independência financeira e não um resultado da mesma.

No extremo da avaliação linear dos marcos de *adulthood* concentram-se mais casos de jovens que adiam a sua saída de casa dos pais, ou que a fazem coincidir com o início de um projecto conjugal. Valorizam os rendimentos auferidos e a forma como estes permitem assegurar a manutenção dos marcos transicionais atingidos: a contracção de empréstimo para compra de casa, o pagamento da renda e/ou a responsabilidade financeira perante a família que constituíram.

Embora existam discursos em que os dois níveis de definição de *adulthood* se conjugam, a maior parte dos entrevistados apresenta a sua definição com base apenas num dos pólos.

Dimensões e definições de “ser adulto”

Independência

Responsabilidades financeira e profissional, marcos demográficos de transição

Autonomia

Capacidade para tomar as próprias decisões, qualidades individuais

Alguma autonomia, lucidez mental, a capacidade de sermos distintos das pessoas com quem estamos, algo que um jovem raramente consegue ter e que um adulto tem, isto vale para a relação com os amigos e com a família: a capacidade para seres autónomo, nem diferente nem igual, autónomo! [Jorge Rocha]

Eu acho que uma pessoa madura é aquela que tem responsabilidade para com o outro e isso pode surgir em qualquer idade. [Sílvia Carvalho]

Eu não associo a independência ao dinheiro, para mim é apenas um dos aspectos. Para mim a independência tem a ver com a tua própria postura perante a vida, nas relações pessoais, nas relações amorosas, nas relações que tens com os teus pais, com os teus amigos. É a forma como tu te posicionas perante as decisões que tens que tomar e lá está... Eu considero-me uma pessoa independente// Nós desde muito cedo tivemos papéis de responsabilidade e temos que assumir as consequências dessas responsabilidades, negativas ou positivas ou o quer que seja. [Fernanda Silva]

Eu acho que foi tudo muito à força, foi tudo muito a nível emocional, mas não consigo imaginar como é que seria se tivesse tido um percurso normal. [...] Ganhei responsabilidade, ter que decidir tudo na vida, ter que abdicar de coisas. É esquisito eu estar a falar disto porque eu acho que até em criança era uma criança adulta, não sei... [Sandra Furtado]

Eu até percebo que uma pessoa que não tenha independência financeira leve o pai ou a mãe para pagar, eu até percebo. Agora quando és absolutamente dependente, até da opinião daquelas pessoas como se a tua vontade não contasse... [Gonçalo Fernandes]

Eu acho que tem a ver com a responsabilidade, com o assumir de alguma independência financeira, não depender dos pais para ir de férias, para comprar isto ou aquilo. Mas também acho que tem a ver com responsabilidade, sabermos aquilo que queremos fazer e aquilo que temos para fazer. [Carlos Ramirez]

Eu podia referir a independência mas uma pessoa para ser adulta muitas vezes não tem que ser independente. Pode ser adulta mas continuar a ser dependente dos pais. Responsabilidade, quando se consegue gerir a si próprio, acho que aí atingimos a idade adulta. [Mário Rangel]

O que eu acho que me tornou adulta foi o medo da responsabilidade e da autonomia para encarar as responsabilidades de ter que arranjar um trabalho, ter que arranjar uma casa, mesmo que não fosse comprar, que fosse alugar, ter aquela responsabilidade de todos os meses ter que ter aquele dinheiro para poder sustentar-me. É conseguir ter a autonomia para pagar as despesas todas e levar a vida independente que eu consigo levar. [Mónica Tavares]

Acho que é a responsabilidade, porque nós quando somos jovens, vivemos as coisas sem grande responsabilidade, não ligamos a muita coisa, queremos é curtir e pensamos que o mundo acaba amanhã.

Eu sempre me considerei, a partir de ter a minha vida pessoal organizada, ter a minha casa para pagar, considerei-me adulta, mas eu mudei tipo 180 graus foi depois de o meu filho nascer. [Solange Antunes]

Acho que a única coisa que me torna mais adulta é a responsabilidade de ter que chegar ao fim do mês e pagar aquelas coisas. [Sónia Resende]

Para mim uma pessoa que não tenha sentido de responsabilidade, não se torna uma pessoa adulta. [...] Se calhar teres a tua casa, teres um relacionamento, seres casado. Teres um compromisso com uma casa, com o banco ou com outra pessoa. [compromisso] é essa a palavra que define uma pessoa adulta. [Jonas Falcão]

Pagares as tuas contas do dia-a-dia, não necessariamente uma casa, isso já é de um nível bastante diferente. Mas pagares a tua comida, as tuas férias, as tuas saídas, as pequenas coisas que queiras comprar, não ter que recorrer aos teus pais ou a outros familiares para teres esse nível de sobrevivência mínimo. [Dora Fonseca]

A capacidade de auto-subsistir é um ponto e viragem grande, acho. [Vera Trindade]

Responsabilidades financeiras, profissionais, eu acho que faz uma diferença grande, faz porque eu tenho que trabalhar, o trabalho tem que correr bem, eu tenho que produzir mesmo não me apeteendo porque tenho um trabalho que não é precário mas é a termo, tenho que pagar uma renda, há uma série de coisas em catadupa relacionadas que marcam e que não havia antes. [Alice Barbosa]

Tem a ver com objectivos de vida, financeiros. [Manuel Castro]

Auto-posicionamento numa escala de jovem a adulto

I'm 23. Remember how old 23 seemed when you were little? [...] I think time is running out to do something bizarre. Somewhere around 25, bizarre becomes immature.

[Bridget Fonda, em *Singles*, filme de Cameron Crowe, 1992]

A forma como estes jovens adultos definem o processo de transição de jovem a adulto está associada à forma como se posicionam numa imaginária escala de 1 a 10, em que o 1 representa o “jovem” e o 10 representa o “adulto”. A forma como justificam a sua individual distância ao “10” informa sobre o peso que certos “eventos demográficos” adquirem nas suas definições pessoais de estatuto de adulto e na forma como negociam ou recusam a sua pertença a esse estatuto de adulto.

Pode verificar-se que, de uma maneira geral, a idade não tem uma relação linear com esta escala. O que se verifica é que os jovens adultos que mais se identificam com o lugar mais central da escala (5, 6) revelam tendência para se afastarem de uma ideia positiva da *adulthood*, não propriamente no que se refere aos papéis sociais adquiridos neste período, mas à “mentalidade jovem” que se perde, uma espécie de não conformismo e alguma infantilidade que lhes permite olhar para eles mesmos como “pessoas em busca” ou “pessoas inacabadas”. Neste perfil estão até concentrados jovens que já saíram de casa dos pais e que sustentam, com ou sem cônjuge, uma casa. Estão também concentrados os jovens adultos que, do ponto de vista profissional, estão menos satisfeitos.

Algures entre o 7 e o 8 autoposicionam-se os jovens adultos que, considerando-se amadurecidos e responsáveis, consideram que ainda não assumiram papéis importantes a caminho da *adulthood*. Tais papéis são essencialmente os familiares, com especial ênfase na parentalidade. Estes jovens adultos valorizam a componente da autonomia e responsabilidade como ingrediente de *adulthood*, não deixando, porém, de enfatizar a importância da “substituição” da família de origem pela nova, enquanto símbolo e exercício de *adulthood*.

No extremo oposto encontramos jovens adultos que ou já assumiram todos os papéis considerados importantes nesse caminho para a *adulthood* ou, porque têm maior tendência para valorizar a autonomia e não a independência como principal indicador de “pessoa acabada”, valorizam o seu amadurecimento pessoal como estando próximo do máximo que poderão atingir.

Existem ainda jovens adultos que consideram que o seu caminho para a *adulthood* se faz a dois ritmos: enquanto “adultos” gostam de desempenhar com brio mas com entusiasmo as suas actividades profissionais, mas fora dessa esfera são mais descontraídos e irresponsáveis (dentro de certos limites). Vejamos então algumas das declarações destes jovens que sustentam as constatações anteriores.

Eu acho que temos todos uma criança dentro de nós, eu pelo menos tenho. Enorme! Por outro lado, lá está, é aquela responsabilidade à qual gente não pode fugir. [Sónia Resende, 24 anos]

É essa inocência infantil que eu mantenho e que quero manter sempre até ao fim da minha vida. Claro que com responsabilidade, obviamente. [Nelson Santos, 30 anos]

Não me considero muito adulta, só se for mesmo pela parte das responsabilidades. [...], ainda não me considero completamente adulta porque ainda tenho o meu quê de irresponsabilidade dentro daquilo que sei que posso jogar. [Júlia Neves, 25 anos]

Eterno Peter Pan. É como se fosse uma balança que umas vezes os pesos estão mais para um lado e noutra estão mais noutra. Porque para mim não faz sentido de outra forma porque ser criança não resulta sempre e ser sempre adulto é muito cansativo. [Gonçalo Fernandes, 26 anos]

No trabalho um oito ou nove, na “festa” 2 ou 1, mas no trabalho também gosto de ter aquele ambiente alegre, se não tiver alegria no trabalho ou boa disposição, o trabalho não se faz. [Gabriel Vaz, 26 anos]

A minha ideia é continuar a ter o espírito até aos muitos anos, continuar a ter aquele espírito jovem, fazer mil e uma coisas, coisas radicais porque acho que é isso que também alivia o stress daquela pessoa adulta que se foca naquilo de trabalho/casa, casa/trabalho/família. E isso também pode levar a problemas, a que dê problemas. [Leonardo Ramos, 32 anos]

Eu situo-me entre o 8 e o 9 na parte da maturidade com os outros, a responsabilidade de respeitarmos o outro e de tratar o outro com dignidade humana. (...) acho que quando tiver a minha casa e a luz e a água para pagar, eu acho que vou ser responsável com isso... [Sílvia Carvalho, 31 anos].



Acima de 5 mas eu acho que muitas das responsabilidades, mas não tenho todas por isso seria um 6. Ainda me faltam coisas que seriam muito importantes. A pessoa pode conseguir estar à altura das responsabilidades sem que com isso perca o espírito jovem e a vontade de experimentar as coisas. [Dora Fonseca, 24 anos].

Provavelmente no 6. Hoje não quero atingir os outros 4. [...] Não quero morrer velho, não quero responsabilidades que eu não esteja com competências para resolver, não quero ser uma pessoa preocupada. [Roberto Caeiro, 29 anos]

Ter uma casa, ter uma mulher, ter um filho. [...] quando somos pais ou maridos temos mais responsabilidades. [...] quando constituímos família, já temos que mudar um bocadinho as nossas regras em função das outras pessoas. [Carlos Ramirez, 26 anos]

Sou 7 porque 8, 9 e 10 é casa, casamento e filhos. [Jonas Falcão, 27 anos]

Sou um 7. 8, 9 e 10 seria provavelmente [...], aí ganhas uma responsabilidade que não é negociável. [Jorge Rocha, 30 anos].

Eu considero-me uma pessoa madura, com objectivos, focada naquilo que quero para o meu futuro e aquilo que faço com o meu presente. [...] [com filho] Eu sei que a minha vida vai mudar, mas até que ponto é que eu vou mudar? É isso que me assusta, a mudança em mim. [Mónica Tavares, 27 anos]

Vejo-me num 8. Falta-me conquistar muitas coisas. Eu vejo-me num 8 porque eu acho que sou uma pessoa muito consciente da realidade, dos problemas sociais, da minha postura de não julgar as pessoas ou seja olhar para o que acontece à minha volta com relatividade e com open mind. entre o 9 e 10 o que me falta é conquistar mais coisas. // ser mãe, mulher, esposa, eu acho que é uma parte que ainda não está explorada na minha vida [...] [Fernanda Silva, 30 anos]

Eu acho que o 10 é já ter uma noção clara do que são os meus objectivos de vida futura [...] e neste momento eu não tenho. [Carolina Resende, 27 anos]

Eu ia ser sempre adulta, mesmo que estivesse no meio de miúdos e que escondesse a realidade que eu tinha e me comportasse como uma miúda de 16 anos, era difícil porque eu sentia-me sempre um nível diferente das outras pessoas. [Sandra Furtado, 24 anos]

As pessoas às vezes avaliam-me um bocado mal: usa piercings, o aspecto e tal. Mas eu acho que já estou para aí no 9. [...] Mudei tipo 180 graus depois de ter o meu filho. Completamente, senti mesmo a mudança, foi o meu boom. [Solange Antunes, 30 anos]

7 | Casa dos pais: sair ou não sair, eis a questão

Neste momento da pesquisa, a informação recolhida ainda não permite a identificação definitiva de perfis de conquista habitacional e a respectiva caracterização. É possível, contudo, apresentar alguns aspectos da variedade destas carreiras habitacionais no que se refere ao motivo mais directamente associado à forma e ao *timing* da saída de casa, e com eles levantar algumas hipóteses. Os vários motivos apresentados pelos entrevistados e evidenciados pelas suas vidas, para a saída ou permanência em casa dos pais, são muitas vezes cumulativos, sendo desvinculados no presente *paper* apenas para efeitos analíticos e descritivos.

a | Factor da carreira amorosa ou parental: biografias lineares

Fruto de um curso de vida linear e também ele cumulativo (terminar estudos, encontrar emprego, noivar, comprar casa, casar e sair de casa, ter filhos), a saída de casa dos pais enquanto efeito secundário do casamento ou da união de facto é ainda a mais previsível e frequente na realidade da juventude portuguesa, pelo menos por aquilo que os dados estatísticos (estatísticas oficiais portuguesas e inquéritos à escala europeia sobre valores) nos levam a concluir. É possível encontrar nos discursos dos entrevistados este tipo de ideal, em que permanecer em casa dos pais representa um impasse na relação conjugal em curso, sendo a saída de casa para iniciar um projecto conjugal numa residência autónoma a única alternativa ponderada. Esta justificação é tanto mais presente quanto mais baixa for a classe social de origem (justificação com a qual os jovens por vezes discordam, outras vezes com a qual pactuam, como ilustra a citação da Solange). Este respeito pela ordem sequencial dos eventos transicionais é transversal e adaptável a várias circunstâncias menos “planeadas” ou previsíveis da vida, como o desejo de acompanhar a gravidez da então namorada, o desejo de emancipação da família de origem para a vivência livre da relação a dois, ou mesmo a infantilidade associada ao namoro cujo quotidiano é pautado pelo “voltar para casa” (dos pais de cada um). Este argumento é utilizado directa ou indirectamente pelos pais (ou outros familiares directos), mas também entre o casal:

Depois o Paulo não queria casar mas eu disse: “Espera lá, então? Eu tenho trabalho, tu tens trabalho, temos casa, temos tudo, não queres casar porquê? [...] Então o que é que andamos a fazer? Juntar não nos vamos juntar porque os cotas são um bocado retrógrados, vamos fazer o quê? Andar a namorar toda a vida?”

[Solange Antunes, 30 anos, 12º ano, empregada administrativa]

A minha avó dizia-me: “tenho muito orgulho em ti e o meu maior desgosto é não casarem”.

[Mónica Tavares, 27 anos, licenciada, professora e explicadora]

Este tipo de saída de casa dos pais é considerado por estes, na maioria das vezes, como o “natural” e único expectável, sendo então a saída de casa não conjugal alvo de dificuldade de compreensão. Nestes casos, o sentimento de rejeição que afecta a família de origem é rapidamente substituído pela necessidade de encontrar uma explicação que, por muito que possa ser “desconfortável” para os pais, explica a saída do seu filho ou filha de casa, desresponsabilizando-os em certa medida pela decisão tomada e desdramatizando o que pode estar a ser sentido como uma espécie de abandono. A citação da Júlia ilustra esta dinâmica. Embora neste caso os vestígios de valores familiaristas de transição para a vida adulta não tenham contagiado a trajetória da jovem, o mesmo não sucede em muitos outros casos desta pequena amostra, em que as expectativas dos pais face à vida dos jovens estão omnipresentes nas suas opções e planeamento de vida.

Eu tinha tido um namorado durante cinco ou seis anos e o meu pai tinha criado, sem eu nunca lhe ter dito, aquela ideia de que eu ia casar e organizar a minha vida daquela forma normal, para ele normal, tradicional. E depois essa relação terminou em Janeiro e em Maio eu saio de casa: o meu pai chegou a pensar que eu era lésbica, que eu tinha descoberto e que então tinha que fugir urgentemente de casa para poder viver uma vida de devassidão com outra mulher! [risos]

[Júlia Neves, 25 anos, vive com amigos, licenciada, empregada de sapataria]

b | Agente de mudança de vida: biografias desestandardizadas

Se o perfil anterior é o mais típico da linearidade (Pais, 2003 [1993]), o que de seguida se descreverá é o mais típico da desestandardização e pós-linearidade do curso de vida. Neste, a saída de casa dos pais representa, segundo o discurso dos entrevistados, uma forma de controlar o desenrolar dos acontecimentos, fruto de reflexividade sobre o mesmo enquanto necessidade de o colocar em *fast forward*. É uma espécie de reacção activa a um acontecimento face ao qual se tenham encontrado ou sentido passivos. Este tipo de reacção é muito mais visível nas trajetórias femininas e tendo como resultado a conquista de autonomia habitacional não conjugal. Para o mesmo tipo de acontecimento (comparável entre homens e mulheres) – o fim de uma relação amorosa sobre a qual recaíram expectativas de continuidade – a reacção feminina baseia-se numa reformulação, muitas vezes profunda, mas o mais brevemente possível, dos planos anteriormente

desenhados. A ideia é construir um projecto novo e rapidamente colocá-lo em prática. A reação masculina passa mais por manter os planos “antigos” e aguardar que eles venham a fazer sentido novamente. Enquanto colocam os planos em *stand-by*, tentam recuperar tudo aquilo que julgam que a vivência a dois lhes retirava quotidianamente, nomeadamente um nível mais frequente, sofisticado e por vezes dispendioso de momentos de lazer.

Para além do fim das relações amorosas, há todo um leque de momentos críticos vividos pelos jovens que têm este potencial de injeção de agência nas suas vidas. O resultado é frequentemente deixar de aguardar pelo momento, parceiro ou casa perfeita para saírem de casa dos pais, e readaptarem as suas expectativas habitacionais às circunstâncias presentes.

E eu tenho também outro facto que contribuiu bastante para eu ter saído de casa, para além da independência ou da responsabilidade, que foi ter tido uma doença o ano passado que fez com que eu começasse a pensar nas coisas duas vezes e que realmente não temos tanto tempo assim para andar a brincar às casinhas.

[Carolina Resende, 27 anos, licenciada, técnica de relações internacionais]

Embora não represente a maioria dos casos, alguns dos jovens referem que a saída de casa dos pais resultou de uma necessidade de quebrar com a dinâmica familiar instalada enquanto membros co-residentes. É uma decisão tomada individualmente, na maioria das vezes quebrando expectativas criadas entre os membros do agregado doméstico de origem e associada a outros eventos. No entanto, não deixa de ser uma decisão em prol do bem-estar dessa mesma família, embora esse objectivo seja, nestes casos, pouco reconhecido pelos pais e mães (que tendem a não concordar na mesma medida com o ambiente ou dinâmicas pouco saudáveis que se estabelecem em casa). Os casos abaixo evidenciam estes aspectos:

Só que surgiu a hipótese de o meu pai sair da prisão com pulseira electrónica e então foi aí que eu decidi que eu se calhar devia sair de casa [...]. // Já sabia que ia ter que estar em casa, não podia sair, e ia começar a ir lá gente visitá-lo e a casa ia começar a ser frequentada outra vez por toxicodependentes... // Até que quando decidi eu disse-lhe “olha, eu vou começar a ver quartos porque eu acho que vou mesmo sair de casa” e a minha mãe só dizia: “faz aquilo que achares melhor para ti”. No dia em que eu arranjei um quarto, ela teve uma reacção completamente... ela não estava à espera, era como se eu quando dissesse que estava à procura de quarto e que já tinha decidido, aquilo não lhe entrava! E quando eu disse: “dia x no final do mês vou para um quarto na Alameda”, ela ficou em pânico, ficou furiosa, deixou de me falar.

[Sandra Furtado, 24 anos, 11º ano, partilha a casa com amigos, empregada de livraria]

Eu dou-me bem com os meus pais mas eu acho que nós os quatro enquanto família não nos damos tão bem, eu acho que me dou melhor com eles porque há muitos conflitos, a minha irmã é uma pessoa muito conflituosa, os meus pais entre eles entram muito em conflito [...] e portanto havia uma série de coisas que eu tinha que largar. Sair pela Europa fora, a vontade que eu tinha, o desgosto [amoroso], a família que eu tinha que largar também. Tinha que ser, eu precisava de um corte.

[Alice Barbosa, 28 anos, licenciada, vive com amigos, assistente de direcção]

Nós somos um pouco diferentes um do outro. E ele quer em termos de maneira de encarar a vida, quer em termos de trabalho, ele tem uma perspectiva completamente diferente da minha, quer nas pequenas coisas, valorizamos coisas diferentes. E eu acho que ele tem tido uma tendência para se tornar mais egocêntrico e mais virado para ele próprio, embora vivamos os dois na mesma casa, cada um vive um bocado a sua vidinha. [...] Mas por outro lado, ele procura-me para contar as coisas dele e para partilhar coisas que lhe interessam e não está receptivo quando eu tento fazer o mesmo. Há assim uma situação difícil de gerir e eu comecei a querer o meu espaço a 100% [...] foi um crescendo de insatisfação.

[Dora Fonseca, 24 anos, licenciada, vive com o pai, técnica de estudos de mercado]

c | Proprietários e arrendatários: imposição aos eventos

Para grande parte dos jovens adultos entrevistados, ficar ou não em casa dos pais é uma opção ponderada e racional. A racionalidade económica é especialmente mencionada pelos jovens que permanecem em casa dos pais e por aqueles que para ela regressaram por algum motivo inesperado. Entre os jovens com qualquer um destes dois percursos encontramos uma sobrerrepresentação de homens e, simultaneamente, de jovens adultos que têm relativa aversão ao arrendamento (racionalidade económica como explicação, mais uma vez). Esta racionalidade económica tem contornos muito diversos: auferem rendimentos que não permitem a contracção de empréstimo, rendimentos que permitindo o pagamento de uma renda ou de hipoteca não permitiriam a manutenção do estilo de vida e de consumo a que estes jovens adultos estão habituados e que pretendem manter. Esta racionalidade baseia-se numa reflexividade a longo prazo. A valorização da propriedade impõe o constante adiamento da saída de casa, e soluções alternativas não são procuradas. Em entrevista, estes jovens desvalorizam a conquista habitacional como indicador de *adulthood*, valorizando sim a sua racionalidade económica e determinação paciente em atingir os seus objectivos de vida (sendo a compra de casa um deles).

Eu falo muitas vezes com os meus pais em comprar casa e os meus pais dizem sempre: o dinheiro que tu ganhas não chega, Sílvia! Põe os pés na terra, isso não chega!

[Sílvia Carvalho, 31 anos, pós-graduada, educadora de infância]

Neste momento é oportunismo puro, quando eu for efectivo, tenho direito a crédito bonificado por ser bancário. Por isso neste momento é oportunismo puro, é só isso. [...] Se me passarem a efectivo daqui a três meses, daqui a oito, vou, se passarem daqui a um ano, é daqui a um ano.

[Jorge Rocha, 30 anos, licenciatura incompleta, empregado bancário]

Pelo contrário, desvalorizar a questão da propriedade abre caminho para várias situações que, ainda que sejam transitórias e pouco valorizadas socialmente, permitem uma manutenção (ou até *update*) do estilo de vida. O arrendamento vem dar resposta a um pragmatismo económico baseado numa aversão a dívidas. Comum em jovens que residiam com os pais em territórios suburbanos, o arrendamento permite-lhes diminuir finalmente essa distância ao centro urbano e romper concretamente com dinâmicas menos anónimas.

Essa rigidez para mim é um bocado assustadora, o comprar casa é quase tão assustador como ter filhos. [...] Não gosto muito de ter dívidas, nem tenho cartão de crédito e faço questão de não ter, acho que temos que ter um bocado de consciência daquilo que são as nossas limitações.

[Júlia Neves, 25 anos, vive com amigos, licenciada, empregada de sapataria]

Eu não quero comprar casa! Eu não! Já viste a taxa de Euribor? Por favor! Alguém tem dinheiro para comprar uma casa hoje em dia? Para comprar uma casa e para viver como deve ser? Eu gozo com os meus colegas que têm casa comprada! Eu já quis comprar estas coisas: computador, aparelhagens antes de sair de casa dos meus pais que era para não andar com prestações atrás.

[Gonçalo Fernandes, 26 anos, licenciado, técnico de óptica e DJ]

8 | Notas finais

O objectivo desta pausa no trabalho de campo foi, como referido no início deste *paper*, meramente exploratório e avaliador do potencial analítico da perspectiva do curso de vida no estudo das trajectórias para a *adulthood*, nomeadamente no que se refere ao diálogo entre dois tipos de registos biográficos. Alguns objectivos do projecto permaneceram ausentes da análise, não sendo, pelo carácter inacabado do trabalho de campo (que explica a ausência da comparação geracional referida inicialmente) ou pelo carácter ele próprio transitório dos resultados retirados (como é o caso do esboço de perfis de *adulthood* ou de autonomia habitacional), incluídos de forma directa neste *paper*. Os tópicos então mais explorados foram o da análise da frequência, *timing* e sobreposição de eventos transicionais, o carácter flexível e o potencial negociador dessa mesma trajectória (conceito de *contestable adulthood*). Foram, contudo, levantadas várias pistas de análise que de forma sistemática são de seguida apresentadas.

Uma primeira ronda de pistas está relacionada com as três principais características dos inícios das carreiras amorosas, habitacionais e profissionais. Em primeiro lugar, é de referir que os registos dos eventos confirmam os dados estatísticos e a literatura em torno destes, no que concerne ao adiamento da saída de casa dos pais em Portugal. A saída de casa dos pais é um evento adiado e, mais importante do que isso, adiável. Não é vivido, na maior parte das vezes, como indicador de *adulthood* ou como um indicador de uma transição bem sucedida para a independência e autonomia e, portanto, não é visto como um fim em si mesmo. Verifica-se que a saída de casa dos pais por destinos não conjugais é um percurso tipicamente mais feminino, e fruto, algumas vezes, de *turning points* nas trajectórias de vida. Em segundo lugar, é de sublinhar o papel importante do primeiro namoro na transição para a vida adulta. Embora esta importância não possa ser comparada com dados extensivos, por não ser usualmente registada enquanto evento demográfico, demonstrou ter grande poder impulsor de autonomia face aos pais, constituindo-se, assim, muitas vezes, como uma primeira entrada em papéis adultos. O *timing* e as interrupções entre os namoros representam, por estes motivos, uma significativa medida de discriminação nos percursos de autonomia habitacional. E por fim, a importância do trabalho na transição para a vida adulta. Mais relevante do que a importância elevada e transversal atribuída ao trabalho como indicador de *adulthood* (como evidenciado em dados estatísticos, nomeadamente do European Social Survey), é a agenda escondida por detrás dessa importância que mais revela o poder modificador do trabalho e o carácter desstandardizado das biografias. A heterogeneidade no *timing*, forma e identificação da *agenda* permitiu também uma relativa correspondência com o tipo de saída de casa dos pais.

Uma segunda ronda de pistas está, por sua vez, relacionada com a sobreposição e cronologia dessas mesmas carreiras, e foi assegurada pela análise da densidade de eventos. Existem dois períodos distintamente marcados: um em que o investimento habitacional é quase nulo e são as carreiras profissionais, para alguns, e as carreiras escolares, para outros, as mais densas e intensas; e um segundo, que se inicia aproximadamente aos 25 anos, em que todas as carreiras “empatam” em densidade. Os projectos de vida são re-hierarquizados e a saída de casa atinge, em dois momentos, com explicações causais diferentes e uma disparidade de género marcada, os seus picos.

A terceira pista, já mais afastada da componente factual e registável da transição para a *adulter* e mais próxima do seu potencial negociador, está relacionada com as definições de *adulter*. As definições de *adulter* tendem a pesar para apenas um dos seus dois pólos descritores: autonomia, onde se concentram os jovens que saíram de casa sem contexto conjugal para tal, e a independência, onde se concentram os jovens para os quais a saída de casa é um evento de uma cadeia de eventos mais linear.

Por fim, foram apresentadas também algumas características da heterogeneidade de conquista de autonomia habitacional. Um primeiro perfil, caracterizado por alguma linearidade, ocorre enquanto efeito da carreira amorosa ou parental. Assim sendo, permanecer em casa dos pais é encarado pelos jovens como uma relativa estagnação da carreira amorosa e, pelos pais, como um símbolo da pontualidade e normalidade da transição para a vida adulta. Um segundo perfil, se o carácter provisório destes resultados assim o permite denominar, é caracterizado por uma saída de casa também efeito (e não causa), não de um planeamento de vida prévio, linear e pouco flexível, mas de um acontecimento crítico com grande impacto na componente factual e emocional do plano de vida. A saída de casa dos pais é, contudo, quase sempre um efeito secundário de um outro evento (simultâneo – no caso do casamento – ou não – no caso da reformulação do projecto de vida). É possível aplicar a dicotomia entre os fãos da propriedade e os do arrendamento, que pode aplicar-se à dicoronia entre estes dois perfis.

Considera-se positivo o balanço do potencial e utilidade da perspectiva do *curso de vida* reivindicando, porém, um aperfeiçoamento da análise, proporcionado por uma mais consistente, heterogénea e equilibrada amostra e por uma mais eficiente correspondência entre os resultados parciais.

Referências bibliográficas

Aassve, Arnstein, Francesco C. Billari, Stefano Mazzuc, e Fausta Ongaro (2002), “Leaving home: a comparative analysis of ECHP data”, em *Journal of European Social Policy*, vol. 12, n.º 4, pp. 259-275.

Beck-Gernsheim, Elisabeth (2002), *Reinventing the Family: In Search of New Lifestyles*, Cambridge, Polity Press.

Biggart, Andy, e Andreas Walther (2006), “Coping with yo-yo-transitions: young adults’ struggle for support, between family and State in comparative perspective”, em Cármen Leccardi, e Elisabetta Ruspini (orgs.), *A New Youth? Young People, Generations and Family Life*, Ashgate, Aldershot, pp. 41-62.

Billari, Francesco (2001), “The analysis of early life courses: complex descriptions of the transition to adulthood”, em *Journal of Population*, vol. 18, n.º 2, pp. 119-142.

Billari, Francesco (2005), *The Timing of Life: The Organization of the Life Course in Europe*, disponível em:

http://www.europeansocialsurvey.org/index.php?option=com_content&task=view&id=64&Itemid=99 (acedido em 15 de Fevereiro de 2008).

Blossfeld, Hans-Peter; e Gotz Rohwer (2002), *Techniques of Event History Modeling*, Mahwah, NJ, Lawrence Erlbaum Associates.

Egris (European Group for Integrated Social Research) (2001), “Misleading trajectories: transition dilemmas of young adults in Europe”, em *Journal of Youth Studies*, vol. 4, n.º 1, pp.101-118.

Elder, Glen (1994), “Time, human agency, and social change: perspectives on the life course”, em *Social Psychology Quarterly*, vol. 57, n.º 1, pp. 4-15.

European Social Survey (2006), disponível em: <http://www.europeansocialsurvey.org/> (acedido em 15 de Janeiro de 2008).

Galland, Olivier (1991), *Sociologie de la Jeunesse: L’Entrée dans la Vie*, Paris, Armand Colin.

Gallie, Walter Bryce (1962), “Essentially contested concepts”, em M. Black (org.), *The Importance of Language*, Englewood Cliffs, NJ, Prentice Hall, pp. 121-146.

Gallie, Walter Bryce (1964), *Philosophy and the Historical Understanding*, Londres, Chatto & Windus.

Goldscheider, Frances K., e Calvin Goldscheider (1993), *Leaving Home before Marriage: Ethnicity, Familism and Generational Relationships*, Madison, WI, University of Wisconsin Press.

Gordon, Tuula, e Elina Lahelma (2002), “Becoming an adult: possibilities and limitations – dreams and fears”, em *Young*, vol. 10, n.º 2, pp. 2-18.

Guerreiro, Maria das Dores, e Pedro Abrantes (2004), *Transições Incertas: Os Jovens perante o Trabalho e a Família*, Lisboa, DGEEP.

Horowitz, Ava D., e Rachel D. Bromnick (2007), “‘Contestable adulthood’: variability and disparity in markers for negotiating the transition to adulthood”, em *Youth & Society*, vol. 39, n.º 2, pp. 209-231.

Iacovou, Maria (2001), “Leaving home in the European Union”, em *Working Papers of the Institute for Social and Economic Research*, paper 2001-18, Colchester, University of Essex.

Ineichen, B. (1981), “The housing decisions of young people”, em *British Journal of Sociology*, vol. 32, n.º 2, pp. 252-258.

Jones, Gill (1995), *Leaving Home*, Buckingham, Open University Press.

Kohli, Martin (1985), “Die Institutionalisierung des lebenslaufs” (A institucionalização do curso de vida), em *Kolner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie* (Jornal de Sociologia e Psicologia Social de Colónia), vol. 37, n.º 1, pp. 1-29.

Kugelberg, Clarissa (2000), “Young adult life with and without limits: different discourses around becoming adult among Swedish young people”, em *Young*, vol. 8, n.º 36, pp. 36-53.

Matras, J. (1990), *Dependency, Obligations, and Entitlements: A New Sociology of Aging, the Life Course and the Elderly*; Englewood Cliffs, NJ, Prentice Hall.

Michael, Robert T., Victor R. Fuchs, e Sharon R. Scott (1980), “Changes in the propensity to live alone – 1950-1976”, em *Demography*, vol. 17, n.º 1, pp. 39-56.

Mills, Melinda (2007), “Individualization and the life course: towards a theoretical model and empirical evidence”, em C. Howard (org.), *Contested Individualization*, Toronto, Palgrave Macmillan, pp. 61-79.

Mills, Melinda (a sair em 2010), *Introducing Survival and Event History Analysis*, Londres, Sage Publications.

Molgat, Marc (2007), “Do transitions and social structures matter? How ‘emerging adults’ define themselves as adults”, em *Journal of Youth Studies*, vol. 10, n.º 5, pp. 495-516.

Nico, Magda Lalanda (2008), *Conjugalidade and Transition to Adulthood*, ISA Research Committee on Family Research, RC06, “Family Diversity and Gender”, 9-13 de Setembro de 2008, ISCSP, Lisboa, disponível em CD.

Oinonen, Erikka (2004), *Finnish and Spanish Families in Converging Europe*, Tampere (Finlândia), Cityoffset Oy.

Pais, José Machado (1990), “A construção sociológica da juventude: alguns contributos”, em *Análise Social*, vol. XXV, n.º 105-106, pp. 139-165.

Pais, José Machado (2003 [1993]), *Culturas Juvenis*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

Pollock, Gary (2007), “Holistic trajectories: a study of combined employment, housing and family careers using multiple sequence analysis”, em *Journal of the Royal Statistical Society*, série A: Statistics in Society, vol. 170, n.º 1, pp. 167-183.

Thomson, Rachel, Robert Bell, Janet Holland, Sheila Henderson, Sheena McGrellis, e Sue Sharpe (2002), “Critical moments: choice, chance and opportunity in young people’s narratives of transition”, em *Sociology*, vol. 36, n.º 2, pp. 335-354.

Westberg, Annika (2004), “Forever young? Young people’s conception of adulthood: the Swedish case”, em *Journal of Youth Studies*, vol. 7, n.º 1, pp. 35-53.

Yamaguchi, K., (1991), *Event History Analysis*, Newbury Park, CA, Sage Publications.

Zittoun, Tani (2007), “Symbolic resources and responsibility in transitions”, em *Young*, vol. 15, n.º 2, pp. 193-211.